

Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 24
Trimestral
Abril
2009

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITOR João Mesquita
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito
[GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade]
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lígia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.
TIRAGEM 3.200 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA Unidade Pedagógica Central da FCTUC
www.uc.pt/rua1arga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Fernando Seabra Santos

REITORIA EM MOVIMENTO

Sinais Vitais • A. Gomes Martins
15 meses de “Plano de Apoio à Transição” na UC • J.M. Canavarro

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

Licenciatura em Design • João Bicker
Ciclo Órgão + • Paulo Bernardino

IMPRESSÕES

Arqueologia • Conceição Lopes
A Ciência do Desporto • Carlos Gonçalves
Memoriam – Robert Étienne • Jorge Alarcão

RIBALTA

Depois de *A Vocação do Medo* • António Barros
Balanço e novo presidente da AAC • André Oliveira

CIÊNCIA REFLECTIDA

Plantas in vitro • Jorge Canhoto

AO LARGO

Jornalismo com Maiúscula • José António Bandeirinha
Uma vida grande • José Manuel Pureza

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Henrique Senna Fernandes

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Pagineida em prosa • Onésimo Teotónio Almeida

LUGAR DOS LIVROS

ESPAÇO DAS ESCOLAS

Unidade Pedagógica Central – Pólo II • Mário Krüger

TEMAS

XI Semana Cultural
Jantar futurista • Clelia Bettini
Noite de Fados
Reportagem Reviravolta
Uma noite na Biblioteca

Uma semana que celebra a Universidade, uma semana que celebra a cultura

Fernando Seabra Santos *

Para comemorar mais um ano decorrido sobre a *Carta Scientiae Thesaurus Mirabilis*, assinada a 1 de Março de 1290, em Leiria, pelo Rei e poeta D. Dinis, a Universidade de Coimbra realizou a sua XI Semana Cultural.

Iniciado em 1998, este modo de celebração foi pensado como oferta cultural capaz de potenciar a abertura das portas da Universidade, tornando assim mais atractiva e motivadora a concretização de uma visita, através de um cruzamento entre actividades inerentes à vida académica e olhares exteriores.

De então para cá, as sucessivas semanas culturais têm vindo a tornar-se mais intensas, mais ricas e diversificadas. De ano para ano, a programação cultural, sempre enquadrada por uma temática previamente estabelecida, tem adquirido consistência, tem aberto o seu âmbito de acção, tem conquistado públicos, tem — tarefa árdua e exigente — honrado a instituição que celebra. Em consequência, é a própria iniciativa que se vem afirmando anualmente como um marco de importância considerável na agenda cultural da cidade, da região e mesmo do país.

Na celebração do 719º aniversário daquele documento fundador, entre os dias 28 de Fevereiro e 9 de Março, realizou-se a *XI Semana Cultural da Universidade de Coimbra* que teve como intuito reflectir sobre o significado da *Velocidade* e do *Movimento* no mundo contemporâneo. Convocou para o efeito três outras efemérides, o bicentenário do nascimento de Charles Darwin, o centenário do Manifesto Futurista de Filippo Tommaso Marinetti, e as quatro décadas do movimento estudantil de 1969. Desse modo, foi a comunidade universitária convidada a inscrever as suas propostas culturais num alargado âmbito temático que lhe era sugerido por este mote em tríptico. As respostas foram múltiplas, variadas, entusiásticas e, sobretudo, competentes. Como também já tem vindo a ser habitual, essas respostas da comunidade universitária foram enquadradas e ampliadas por uma programação cultural de índole exterior, profissionalizada e integrada em circuitos de oferta

nacionais e internacionais. Consegue-se, assim, potenciar mutuamente dois tipos de iniciativas, as inerentes à própria actividade universitária e outras, de âmbito cultural mais vasto. É esse cruzamento que fecunda grande parte do êxito da *Semana Cultural*. Na totalidade, realizaram-se mais de uma centena de eventos culturais — 41 espectáculos diversos, 16 exposições e instalações, 3 mostras cinematográficas, 14 colóquios e conferências, 5 certames desportivos, 16 oficinas e ateliês, entre muitas outras actividades. Estiveram envolvidas, entre artistas, intervenientes e organizadores, cerca de sete centenas de pessoas e o público cifrou-se, também no total, em cerca de cinco mil.

As sementes que ficam de uma tal celebração, porém, vão muito para além destes números, têm efeitos salutarmente incalculáveis no quotidiano da actividade académica, constituem o húmus da vida escolar e reproduzem-se na tensão urbana da cidade que acolhe a Universidade.

Universidade e Cultura consubstanciam sempre uma frente complementar, embora contextualmente diversa, para encarar a realidade, para compreender a nossa condição contemporânea. Mantêm entre si um vínculo vital, que preserva a Universidade do contínuo fluxo de condicionamentos a que se encontra sujeita e projecta a Cultura para além dos espartilhos da circunstância mercantil.

Não podem, por essa razão, deixar de estar em plena e permanente interacção, uma não pode deixar de estar presente quando se celebra a essência ontológica da outra. Não existe outro modo de a Universidade de Coimbra comemorar a sua própria instituição, senão através de uma grande, activa e participada realização cultural.

** Reitor da Universidade de Coimbra*



Reitoria em Movimento

Sinais Vitais

A. Gomes Martins *

A universidade pública, como parte da administração do Estado, tem que se adaptar às mudanças que decorrem das reformas estruturais (assim lhes chamam) em curso, seja na gestão de recursos humanos (vínculos, carreiras e remunerações, contrato em funções públicas, avaliação) seja na gestão financeira (contratação pública, gestão orçamental), ou na profusão de diplomas legais de outras diversas naturezas cujo ritmo de publicação tem tornado quase impossível uma adaptação estruturada e segura às novas regras.

Por outro lado, a universidade pública tem que se adaptar às outras reformas mais dirigidas ao sector. Uma, relativas à actividade de formação – o processo de Bolonha, a institucionalização do espaço europeu do ensino superior. Outras, relativas à actividade de investigação – privilégio à grande dimensão das equipas, à organização sob a forma de laboratório associado, à participação nos programas de cooperação internacionais com universidades maioritariamente americanas. Outras ainda, relativas à actividade de transferência – promoção da formação em empreendedorismo, promoção da incubação de empresas, da constituição de parcerias e consórcios.

Além destes aspectos, a cultura de avaliação consolidou-se. No nosso país a avaliação do sistema de ensino superior começou há muito e foi recentemente alvo de mudança organizacional importante, aconselhada pela OCDE e ajudada pela EUA. Um dos pilares da avaliação deverá ser, tudo o indica, a transparência da prestação de contas da actividade, conduzindo à legibilidade social do desempenho das instituições e à competição entre elas.

Por último, a reorganização do modelo de governo das universidades vem, segundo o que aparenta, procurar criar condições para que estes vectores se combinem

todos num sistema de estímulos às instituições que, regulando o seu comportamento, as condicione a uma resultante concreta, certamente aquela que o regulador (cada um fará desta figura a representação que lhe parecer mais conveniente) acha que melhor serve o interesse público.

Esta questão do interesse público, quer se queira quer não se queira, é matéria de opinião. Duas dimensões importa aqui particularizar: a da definição do interesse público ela própria, a da definição dos estímulos regulatórios.

Arrisco dizer que o interesse público consiste, no caso do ensino superior, em garantir bons resultados na formação de quadros superiores para o desenvolvimento do país e em produzir novo conhecimento a partir de investigação científica de qualidade, a qual, por sua vez, realimenta um ensino de qualidade. Tudo com a máxima eficiência no uso dos recursos, claro.

Como se vê, matéria de opinião da mais óbvia. Por exemplo, porque a concepção de que nas universidades se deve fazer investigação, até porque os investigadores são, maioritariamente, docentes universitários, não parece reunir consenso nos dias de hoje.

Quanto à eficiência, a questão entretence-se com a dos estímulos regulatórios. De novo matéria de opinião, como se verá de imediato. A situação actual pode caracterizar-se esquematicamente em poucos passos. Primeiro, é importante conhecer os reais limites inferiores de sobrevivência das instituições para melhor definir que nível de eficiência poderá ambicionar-se para a gestão dos recursos. Segundo, para conhecer estes limites é indispensável criar condições tão adversas que as instituições ultrapassem o limiar da solvência, deixando de conseguir funcionar com os recursos que lhes são acessíveis – só deste

modo se conhecem os limites, não é verdade? Terceiro, para isso, usam-se os mecanismos que forem necessários: cortes orçamentais bruscos e de grande amplitude, descontos obrigatórios para a CGA sem contrapartida de financiamento, financiamentos essenciais ao desenvolvimento apenas acessíveis em modo competitivo, com exigência de comparticipação com receita própria, imposição de projectos de reestruturação de grandes proporções, como Bolonha, por exemplo, com diminuição de recursos em pano de fundo e dispersão simultânea de esforços para a captação de financiamentos competitivos, etc..

Esta abordagem da asfixia monitorizada para saber que nível atingem os sinais vitais imediatamente antes da morte é, como facilmente se conclui, também ela matéria de opinião. Há quem concorde e possa aplicá-la e há quem não concorde e não tenha, aparentemente, meios de a evitar.

Neste ambiente, pode-se adoptar uma de duas atitudes: ou se procura diminuir o metabolismo institucional ao mais básico possível para evitar o colapso pelo período maior possível, obviamente sem garantia de que o fim não chegue, ou se adopta a atitude de manter uma estratégia de afirmação: garantindo a maior racionalidade

do uso de recursos em ambiente adverso, manter rumos, actividades e metas, através do maior número de iniciativas no maior número possível de direcções, tendo em vista aumentar as hipóteses de captação de recursos e permitir desenvolvimento, sabendo como estes dois objectivos se influenciam mutuamente – um é simultaneamente causa e efeito do outro.

A nossa Universidade tem procurado manter uma estratégia de afirmação. Sempre com a dificuldade recursiva da falta de meios para captar meios, tem-se usado da maior criatividade que se consegue para avançar com projectos ou para manter projectos importantes. Os meios mobilizados são, muitas vezes, resultado de empréstimos não formais de longo prazo que os membros da comunidade universitária fazem à sua Universidade, em tempo dedicado (muito) e em criatividade, com rigor e com contenção. Casos há de genuíno sacrifício, excessivo sempre, como é implícito ao próprio conceito de sacrifício, que têm sido importantes ou até indispensáveis para este ou aquele pequeno ou grande êxito que permite mais um passo em frente.

A monitorização dos sinais vitais vai mostrar que estes não só não desaparecem dos monitores como ganham nova intensidade.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra

15 meses de *Plano de Apoio à Transição*

J.M. Canavarro *

Durante 15 meses (Setembro de 2007 - Novembro de 2008), mais 2 para para fecho de procedimentos e elaboração do relatório final, a Universidade de Coimbra (UC) acolheu diversas actividades desenvolvidas no âmbito do projecto intitulado “Plano de Apoio à Transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior – Melhor Adaptação; Mais Resiliência; Mais Sucesso” (PAT) e financiado pelo Programa Operacional Ciência e Inovação (POCI) 2010.

Tal como previsto na candidatura, concretizaram-se a aferição de conhecimentos em Língua Portuguesa e em Inglês a estudantes do primeiro ano da UC e subsequente oferta de formação extracurricular nestas áreas.

Assim, no dia 7 de Novembro de 2007, cerca de 1000 estudantes caloiros compareceram voluntariamente para realizarem as provas de aferição de conhecimentos em Língua Portuguesa e Inglês. Obtiveram-se ainda medidas de aferição de conhecimentos nas áreas disciplinares de Matemática, Física e Química junto de estudantes caloiros (actividades não previstas na candidatura) e desenvolvidas por docentes da Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC (FCTUC).

Num período posterior, foram propostos cursos extracurriculares em Inglês, Língua Portuguesa, Matemática, Física e Química. Efectuaram-se, ao longo dos 15 meses do PAT, 42 cursos (17 de Inglês, 10 de Matemática, 7 de Língua Portuguesa, 6 de Física e 2 de Química). Cerca de 800 estudantes

foram envolvidos nestas actividades de formação. Realizaram-se ainda, tal como previsto, iniciativas de apoio à população estudantil em maior risco de insucesso educativo.

Planearam-se e concretizaram-se, com o objectivo de prestar apoio psicopedagógico e promover determinado tipo de competências transversais e específicas nos alunos, 9 acções de formação nos seguintes domínios: (1) métodos de estudo, (2) desenvolvimento de competências pessoais, sociais e académicas e (3) controlo e gestão do stress. Com o intuito de estender os objectivos atrás mencionados a um número maior de estudantes, foi produzido (em parceria com o GAP-SASUC) um CD-ROM para que, de forma autónoma e interactiva, os estudantes pudessem desenvolver cada um dos três domínios.

Por outro lado, a Consulta de Apoio Psicológico dos Serviços de Acção Social da UC foi reforçada com mais uma psicóloga a meio tempo, tendo sido realizadas mais de 300 consultas a cerca de 100 utentes.

Foi criado um gabinete (o GpAT – Gabinete para Apoio à Transição) que se tornou o “rosto” do projecto, no qual se preparavam grande parte das tarefas, se concretizavam objectivos de investigação, se produziam iniciativas e materiais de apoio ao processo de transição (p.e., o desdobrável “Exames. E agora?!”, com conselhos úteis e de fácil administração, e o manual “Apoio à Transição”), se estabeleciam parcerias com outros serviços da UC

(fundamentalmente com o Centro de Estudos e Intervenção Psicológica - CEIP – da FCTUC, com o Gabinete de Apoio ao Estudante - GAE - da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UC - FPCEUC - e com a Associação Académica de Coimbra - AAC) para a concretização de objectivos de apoio psicológico e psicopedagógico, através de acções de formação ou de consulta individual, e se fazia atendimento presencial e on-line (através do endereço electrónico e do site do GpAT, monitorizados diariamente) a toda a comunidade estudantil. Das actividades realizadas em parceria, devem ser destacadas as acções de formação realizadas com o CEIP para todos os alunos da UC (“Um salto...para o sucesso” e “Sucesso na comunicação”), a formação interna desenvolvida com o GAE e a fundação do Espaço Estudante na AAC. O GpAT, nas suas diversas valências, interagiu com mais de 3.000 estudantes.

Planearam-se e concretizaram-se, em parceria com o Núcleo de Análise e Intervenção em Educação (NAIE) da FPCEUC e com o objectivo de prestar apoio aos docentes da UC no que diz respeito aos aspectos pedagógicos valorizados no Processo de Bolonha, 1 conferência e 3 workshops, num ciclo designado “Transição para Bolonha” e destinado a professores da UC. Nestas actividades estiveram envolvidos cerca de 60 professores.

De um modo geral, e com base nos resultados das avaliações das diversas actividades que integraram o PAT (nas quais se incluem as avaliações das acções de formação ministradas e uma auditoria externa),

o projecto é avaliado como tendo tido um impacto muito positivo junto do público-alvo e dos actores envolvidos.

A avaliação global das acções de formação realizadas é, para mais de 80%, considerada como Muito Boa ou Boa.

Por outro lado, as respostas à questão “Em que medida a formação que frequentou o/a ajudou no seu percurso académico?” (colocada alguns meses depois do fim dos cursos extracurriculares, aos alunos que frequentaram os referidos cursos durante os primeiros 12 meses do PAT) são maioritariamente positivas, confirmando o impacto positivo desta iniciativa. A importância desta iniciativa ficou igualmente demonstrada através da grande procura que teve, não só por parte dos alunos da UC como de outras instituições de ensino superior (de licenciaturas/mestrados integrados e de níveis de ensino pós-graduado), e do interesse que muitos estudantes mostraram em frequentar níveis mais avançados de formação.

Algumas das actividades do PAT captaram a atenção e o interesse de diferentes órgãos de comunicação social, regional e nacional. Verificou-se ainda o interesse de diversas instituições de ensino superior em acompanhar o trabalho desenvolvido.

O PAT correu bem e mereceu todo o esforço despendido. Aguarda-se a resposta de uma editora para passar o PAT para livro, de forma a ter PAT para a posteridade.

* Pró-Reitor da Universidade de Coimbra



Oficina dos Saberes

ACTUAL

IMPRESSÕES

RIBALTA

CIÊNCIA REFLECTIDA

Órgão +

Paulo Jorge Freire Bernardino

Está a decorrer desde o dia 8 de Janeiro, na capela de S. Miguel, um ciclo de recitais com uma periodicidade mensal e que se irá prolongar até ao dia 6 de Agosto deste ano corrente. Esta iniciativa, promovida pela Reitoria da Universidade de Coimbra, conta com a direcção artística do organista titular da Capela da Universidade e da pró-Reitoria para a Cultura. O principal objectivo deste projecto consiste em criar e fomentar, especialmente na comunidade estudantil, o hábito de assistir a recitais, concertos e outras actividades musicais e/ou artísticas, criando e formando desta forma um público regular e entendido. Simultaneamente, pretende-se promover o órgão da Capela da Universidade junto da comunidade universitária e da cidade. Finalmente, este projecto constitui um complemento importante, na vertente cultural, à já de si riquíssima oferta turística da Universidade de Coimbra.

Uma particularidade deste evento, que o valoriza extraordinariamente do ponto de vista do desiderato da formação de novos públicos, consiste na participação de outros instrumentos/agrupamentos, o que permite enriquecer e diversificar os programas apresentados, e permite sublinhar também toda a sua versatilidade e potencialidade do órgão na interacção com outros instrumentos.

Cada recital tem por norma uma forma ternária, ou seja, o órgão, na sua qualidade de anfitrião, toca uma primeira parte a solo seguindo-se uma pequena parte solística do instrumento/agrupamento convidado. A última parte, a maior e mais importante das três, procura dar a conhecer ao ouvinte parte do

repertório que existe para a combinação dos dois instrumentos.

Em atenção aos seus objectivos principais, este evento tem uma singular componente pedagógica, não só através da grande diversidade de oferta facultada ao público assíduo (não são comuns os concertos em Coimbra ou fora dela em que seja dado destaque a instrumentos como o oboé, a flauta doce, o violino, o fagote, o trompete ou o quinteto de metais), como também através do par de textos didácticos que acompanha cada concerto. O primeiro texto procura ilustrar as origens, a evolução, o funcionamento e o tipo de repertório mais adequado para cada instrumento/agrupamento convidado. O segundo texto é dedicado especificamente ao órgão, seja detalhando algum dos aspectos anteriores, seja apresentando as diferentes famílias da organaria europeia. Dedicar-se-á especial atenção ao órgão ibérico e ao órgão da Capela de S. Miguel, paradigma e expoente deste género.

No momento em que escrevo, decorreram já dois dos recitais do ciclo (em Janeiro, Órgão + trompete e em Fevereiro, Órgão + Flauta Doce), que se caracterizaram por uma grande presença de público muito atento e interessado. Também os músicos acolherem com muito entusiasmo a dinâmica do evento. Tal tem sido bem evidente quer na exigência e proficiência artística dos programas apresentados, quer nos instrumentos trazidos propositadamente para exposição durante cada recital, ilustrando a família de cada instrumento convidado.

No futuro, espera-se que este ciclo se prolongue para além de Agosto e que possa passar a integrar a oferta cultural regular da Universidade e da cidade, contribuindo assim também para o projecto educativo e cultural da Universidade de Coimbra. A médio prazo, talvez este ciclo possa contribuir

também para a organização anual de um “Festival Internacional de Órgão de Coimbra”, em que possa ser dado a conhecer o extraordinário património constituído pelos órgãos históricos da região de Coimbra, que recomeçam a fazer-se ouvir depois de décadas de esquecimento.

Os próximos recitais do ciclo são os seguintes:

5 de Março de 2009 . Fagote – Lurdes Silva, Órgão – Filipe Veríssimo

2 de Abril de 2009 . Tenor – Luís Toscano, Órgão – Rui César Vilão

7 de Maio de 2009 . Oboé – Sandra Pinto, Órgão – Paulo Bernardino

4 de Junho de 2009 . Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra, Órgão – Rui César Vilão

2 de Julho de 2009 . Quinteto de Metais da Lapa, Órgão – Filipe Veríssimo

6 de Agosto de 2009 . Violino – Maria João Silva, Órgão – Paulo Bernardino



Licenciatura em Design

João Bicker *

As propostas da Licenciatura e do Mestrado em Design e Multimédia visam responder à crescente necessidade de formação interdisciplinar capaz de conceber produtos e serviços que tiram partido da diversidade e especificidade dos novos meios digitais. Almejando uma amplitude de perfis profissionais, do “webmaster” ao produtor de conteúdos, do especialista em interacção ao criador de meios, pretendeu-se com estas propostas de curso garantir uma base sólida de formação interdisciplinar alicerçada na combinação de competências na condução de processos de design com um conhecimento avançado de tecnologias de informação e interacção. Com esta proposta de formação integrada prepara-se o profissional para ser capaz de assumir o papel de autor, dialogando em equipas multidisciplinares, e traduzindo as diversas linguagens envolvidas na concepção e implementação de produtos e serviços inovadores.

Enquanto o Licenciado em Design e Multimédia adquirirá uma sólida formação de base, preparatória para o desempenho operacional na combinação das áreas científicas e técnicas do design e das tecnologias de informação, o Mestre em Design e Multimédia obterá uma formação avançada de concepção no âmbito dos media digitais, especializada na combinação do design enquanto processo integrado de concepção de novos produtos ou serviços com as tecnologias de informação, e com uma capacidade de diálogo, de tradução e de orquestração no seio de equipas de projecto multifuncionais.

No caso do Mestrado em Design e Multimédia assume-se a responsabilidade social de responder a uma crescente necessidade de actualização e de

reconversão profissionalizante, de Licenciaturas em áreas de Humanidades, em Informática, em Comunicação ou em Design, para um perfil interdisciplinar capaz de conceber produtos e serviços vocacionados para os novos meios digitais. Neste sentido esta proposta é particularmente inovadora e destaca-se das ofertas de formação verticais, tradicionalmente mais homogéneas e centradas numa única área técnico-científica.

Os cursos contêm sólidas componentes de fundamentos em informática (multimédia, programação, bases de dados, comunicação de dados, tecnologias internet, sistemas de informação, introdução à inteligência artificial), em design para meios digitais (teoria e história do design, tipografia e tipografia em meios digitais, design de comunicação), e em desenho e cultura visual (arte e cultura moderna, arte e cultura contemporânea, culturas visuais, desenho e representação, desenho e composição). Contém também um conjunto seleccionado de unidades curriculares de transição para a vida profissional e para o prosseguimento em estudos mais avançados, como produção digital, gestão de projectos, engenharia do software, tecnologias para a web social, computação gráfica. Este elenco curricular é completado com unidades curriculares na área científica de Artes & Design que visam aprofundar as competências instrumentais em design e tecnologia em contextos simulados, bem como a aquisição de competências interpessoais e uma forte cultura de projecto.

Na organização do ciclo de estudos foram inte-

gradadas as recomendações recolhidas junto de um Conselho Consultivo composto por representantes nacionais das diversas áreas dos perfis profissionais identificados para o curso, bem como por especialistas de reconhecido mérito e o Centro Português de Design, que apoiou a definição da organização do ciclo de estudos. Esse Conselho Consultivo incluiu os seguintes elementos:

Designer Henrique Cayatte (Centro Português de Design), Eng. Ivan Franco (YDreams), Eng^a. Teresa Soares (PT Inovação), Eng^a. Gabriela Bastos (Info-Portugal), Eng. Rui Cordeiro (Critical Software), Eng. Nuno Carvalho (WIT Software), Eng. Pedro Andrade (Netvita), Dr. Rui Pacheco (Porto Editora), Designer Pedro Almeida (Jornal Público), Eng. Carlos Pinto (Almedina), Alexandre Matos (FBA), Prof. Doutor António Dias de Figueiredo (CISUC).

Para quem exerce a profissão no campo da Engenharia de Sistemas de Informação, em particular no desenho de componentes web, de intranet e extranet, é há muito comum a percepção da dificuldade na combinação de competências de design e tecnologias de informação. É comum encontrar profissionais especialistas numa ou noutra formação, mas raramente alguém capaz de entender e praticar os dois lados num exercício de concepção, com excepção feita para o autodidacta ocasional que, de forma amadora, tenta fazer a ponte entre estas formações. A agudizar este problema está ainda uma insuficiente preparação na vertente de design para lidar com a especificidade dos meios digitais. A percepção destas dificuldades torna notória a necessidade de uma formação de fronteira capaz de mobilizar competências em Design de Comunicação em conjunto com sólidos conhecimentos de Informática, que permitam ao profissional entender o espaço de possibilidades ao seu alcance e actuar nele de forma inovadora. Ao combinar estas competências interdisciplinares numa proposta de formação integrada, estaremos a dar resposta aos

objectivos que identificamos contribuindo para preencher esta lacuna formativa.

Com vista a concretizar os objectivos, os cursos encontram-se organizado em torno de disciplinas de projecto (uma por semestre), designadas por Oficinas de Design. Estas disciplinas têm como objectivos principais:

- (i) a integração de conhecimentos tecnológicos e metodológicos em torno de problemas reais em ambiente simulado,
- (ii) o desenvolvimento de competências instrumentais em Design, bem como em áreas que requeiram elevada operacionalização, e
- (iii) a aprendizagem de uma “cultura de projecto” sustentada no exercício de uma prática pedagógica contextualizante.

As disciplinas de especialidade estão organizadas de forma a que as competências práticas se desenvolvam parcialmente em projectos interdisciplinares a realizar nas Oficinas de Design leccionado nesse semestre. É um objectivo e orientação interna que estas disciplinas sejam leccionadas por equipas mistas de docentes das áreas do design e da informática com elevada experiência de projecto.

A partilha das incumbências formativas entre os dois Departamentos oferecerá amplas oportunidades para permutas e evolução cultural também por parte dos corpos docentes envolvidos, antevendo-se um efeito catalizador dos estágios/dissertação enquanto oportunidades de trabalho conjunto, com um aumento de qualidade que criará oportunidades no campo da investigação de fronteira entre as duas áreas, com benefício claro para os alunos e para a endogeneização de competências na área.

No cenário actual de dificuldade de enquadramento profissionalizante para um conjunto de formações clássicas, o Mestrado em Design e Multimédia pode ainda assumir a responsabilidade social de respon-

der a necessidades de actualização ou reconversão profissionalizante, de Licenciaturas em áreas de Humanidades, em Informática, em Comunicação ou em Design, para um perfil interdisciplinar capaz de conceber produtos e serviços vocacionados para os novos meios digitais. Neste sentido esta proposta

é particularmente inovadora e destaca-se das ofertas de formação vertical, tradicionalmente mais homogéneas e mono-disciplinares, que julgamos poder conferir-lhe um maior potencial de empregabilidade.

* Docente da FCTUC



Arqueologia

Maria da Conceição Lopes *

Na curiosidade em descobrir a inédita imagem da terra que as novas descobertas proporcionavam, na construção de novo conhecimento e no consequente processo de recomeço do mundo em que os eruditos renascentistas se empenham, a pesquisa dos monumentos e objectos do passado, que príncipes, papas, nobres e burgueses acumulam em colecções, surge como a demonstração e incontornável modo de materialidades e memória de um passado grandioso que há que recuperar e preservar, “démolir les monuments de Rome n’est rien d’autre que de diminuer l’excellence de la ville elle-même et de tout l’univers”.

Mesmo pretendendo estabelecer o nascimento da arqueologia neste contexto humanista de libertação dos vestígios do passado da categoria de desperdícios da história da humanidade que o Cristianismo lhes fixou e a Idade Média lhes outorgou, a palavra Arqueologia, só foi introduzida no vocabulário moderno no final do século XVII, por Jacques Spon, um médico, antiquário e erudito francês, originário de Lyon.

As escavações sistemáticas em Pompeia e *Herculaneum* marcam o início da constituição da Arqueologia como ciência: o vestígio material impõe-se no centro da investigação histórica como concorrente das fontes escritas, até aí hegemónicas e a exigência de um método de escavação tem no desabafo de Goethe, “é deplorável que as escavações não sejam feitas com um plano regular”, proferido em Pompeia ao observar o modo como o Engenheiro Alcubierre, que a mando do Rei de Espanha

Carlos III esventrava a cidade em busca de objectos para a corte, a transcrição de uma necessidade e exigência da comunidade erudita de então.

Winckelmann, companheiro de Goethe na visita às escavações da “cidades do Vesúvio” define a necessidade de um registo espacial do sítio, seguido do acompanhamento de todas as descobertas de modo a pôr fim à simples busca de preciosidades, e ao fim da colecção dos objectos apenas pelo seu valor material, estabelecendo, também, para a Arqueologia, a fórmula erudita máxima da época: observar, registar e publicar.

Nestes princípios se funda a Arqueologia como ciência metódica e se concretiza a ruptura epistemológica com a prática predadora dos objectos do passado. À Comissão de Ciências e das Artes do Exército do Oriente que acompanhou Napoleão Bonaparte no Egipto, a qual decidiu abdicar do nivelamento do rio Nilo em benefício da Arqueologia, poderá reconhecer-se ter sido a primeira equipa a trabalhar segundo uma metodologia de registo e os princípios proferidos por Winckelmann.

A Universalização da Arqueologia no século XIX, a descoberta da Pré-História e a desconfiança da leitura literal da bíblia, a respeito das origens do Homem, motivaram o estudo sistemático do Homem e do seu passado através dos vestígios materiais e contribuíram de forma decisiva para a aplicação destas profundas mudanças metodológicas. Porém, a espectacularidade das descobertas na Grécia e no Próximo Oriente, constituiu uma séria contrariedade para que a Arqueologia se libertasse da ideia

de actividade fascinante de busca e colecção de objectos/tesouros do passado. Do mesmo modo, a prática ao serviço da afirmação da ideia de nação, “proporcionando a prova de um passado material fundador” aos estados em formação no final do século XIX ou a colaboração ao serviço da ideologia dos estados totalitários do século XX, marcou o seu percurso evolutivo e entrou na sua credibilização como ciência.

Apesar disso, o século XX representa uma ruptura definitiva da Arqueologia com a tradição que a definia como um método e técnica de colecção de objectos e monumentos do passado.

O estabelecimento do método estratigráfico de escavação, o desenvolvimento de modos de interpenetração com outras ciências, no âmbito dos quais se desenvolveram e adaptaram métodos estatísticos, informáticos e métodos de datação, como o C14 e se ajustaram protocolos de questionamento e meios de prova, por exemplo, constituem radicais mutações metodológicas e teóricas que permitem afirmar que, no presente, de todas as ciências, a Arqueologia, por ter a capacidade de organizar em torno da sua pesquisa e do seu objecto de estudo, um trabalho interactivo de uma multidão de especialistas de diversas origens disciplinares, é a melhor apetrechada para analisar o percurso das sociedades do passado, nas suas múltiplas dimensões.

Desembaraçada dessa ideia de aventura fascinante em busca de tesouros do passado que a marcou na sua origem, no século XV, aprofundada com a visão romântica de caça ao tesouro dos séculos XVIII e XIX, desenvolvida nas escavações de Pompeia e Herculano, estas últimas descritas por Charles de Bosses como sendo feitas por exploradores correndo perigos, descendo a mais de 15 m, para retirar vestígios intactos à luz das tochas e pela descobertas nas pirâmides do Egipto e nas cidades da Grécia e da Mesopotâmia, a Arqueologia esforça-se, no presente, por apagar a presunção, ainda muito comum entre os académicos, de ser uma disciplina técnica que acede aos objectos e monumentos do

passado, com vista a servir o discurso da História. A demonstração de que o passado escapa ao monopólio da História e a afirmação do seu espaço como disciplina que se ocupa da dinâmica do processo de evolução das sociedades, cujos testemunhos do passado que encontra registados e resgata na epiderme das terras que emergem são em muitos casos desconhecidos da História e, em tantos outros, carregados de informação em sentido diverso daquela que a História reproduz. A espessa e diversa informação que encerram estes objectos invoca, quase sempre, a participação de outras disciplinas; este diálogo interdisciplinar, de par com a evidência da prova de que o tempo do objecto arqueológico não é o do tempo da História e, por consequência, que a Arqueologia e História se relacionam por vínculos distintos dos de dependência, constituem os desafios intelectuais mais estimulantes do tempo presente da Arqueologia.

As escavações de Conímbriga, pelo método, objectivos, equipas envolvidas e divulgação dos resultados, desembaraçaram a arqueologia portuguesa de uma prática, até então, essencialmente descritiva e pobre de interpretações. S. Cucufate, cujos trabalhos foram da responsabilidade da mesma equipa Luso Francesa, dirigida por Jorge Alarcão e Robert Étienne, pela estrutura teórica-metodológica aplicada, marcaram o decisivo impulso para uma nova fase na arqueologia científica Lusa, para a qual se convocaram novos métodos e outras disciplinas.

Porém, apesar dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos que se reconhecem na arqueologia portuguesa e do aperfeiçoamento legislativo que, na actualidade, torna obrigatórios os trabalhos arqueológicos e do grande aumento de intervenções, rareiam os trabalhos de fundo como os dos anos oitenta do século XX, quando se fez a arqueologia da *villa* de S. Cucufate.

A actualidade confere à arqueologia a capacidade de assumir outras competências que vão muito para lá da escavação. Desde logo, porque a legislação, nomeadamente depois da assinatura em 1992, em





Malta, da Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico, consagra a obrigação de proteger o património arqueológico por este ser “fonte da memória colectiva europeia e instrumento de estudo histórico e científico”. Nesse sentido, determinam-se um conjunto de procedimentos de natureza prática, tendentes a salvaguardar o património arqueológico europeu, por este se “encontrar gravemente ameaçado de destruição em consequência tanto da multiplicação de grandes planos de ordenamento como dos riscos naturais, de escavações clandestinas ou desprovidas de carácter científico e da deficiente informação do público” e a “desenvolver, onde ainda sejam inexistentes, procedimentos adequados de supervisão administrativa e científica”, advogando que “a necessidade de proteger o património arqueológico se deveria reflectir nas políticas de ordenamento urbano e rural e de desenvolvimento cultural”.

A determinação legal de que são “elementos do património arqueológico todos os vestígios, bens e outros indícios da existência do homem no passado” a cujo

estudo se confere a possibilidade de traçar a história da humanidade e a sua relação com o ambiente e cuja principal fonte de informação é constituída por escavações ou descobertas e ainda outros métodos de pesquisa relacionados com o homem e o ambiente que o rodeia, surge como um instrumento maior na proclamação da Arqueologia como disciplina científica que estuda as sociedades do passado mas que, em virtude das especificidades do seu objecto de estudo e do contexto em que se encontra, pode produzir e transferir conhecimento com importância fundamental no debate sobre as políticas de planeamento e gestão do espaço do presente.

Dir-se-ia que a Arqueologia encontrou o suporte para concretizar um dos desafios intelectuais mais estimulantes que se lhe colocam no tempo presente, que é o de fazer a demonstração de que o passado escapa ao monopólio da História e ocupar o seu espaço como disciplina que se ocupa da dinâmica do processo de evolução das sociedades, cujos testemunhos do passado que resgata da epiderme das terras que emergem são, em muitos casos, desconhecidos da História e, em



tantos outros, carregados de informação em sentido diverso daquela que a História reproduz invocando, inclusive, outras disciplinas para que se compreenda a espessura da informação que encerram.

A consagração, na lei, das oportunidades para recuperar, estudar e preservar o passado, poderá entender-se como necessária para que a sociedade compreenda como obrigatório o trabalho arqueológico. Para satisfazer os imperativos legais e para satisfazer os ritmos dos trabalhos de obras públicas e privados e acautelar que estes afectem ou provoquem a destruição dos vestígios no subsolo criou-se a Arqueologia Preventiva.

Diferentemente da arqueologia ligada a programas de investigação, a qual objectiva resolver problemas de natureza científica e desenvolver conhecimento, esta arqueologia tem por vocação preservar os elementos significativos do património arqueológico ameaçados por obras. Não subentende, portanto, qualquer problemática científica prévia a esse tipo de acções, actuando como medida para acautelar a destruição do património sem qualquer registo.

O cada vez menor investimento dos poderes públicos nos programas plurianuais de trabalhos e investigação arqueológica quase os apagou da arqueologia portuguesa; ao mesmo tempo, os grandes empreendimentos públicos e privados das últimas décadas ocupam um elevado número de arqueólogos que, à excepção de sítios que fornecem objectos ou estruturas espectaculares escavam de modo mais sistemático, se transferem de escavação em escavação, com o trabalho constrangido às “cotas de afectação”.

A arqueologia, preventiva, hoje quase hegemónica em Portugal, prevê a intervenção dos arqueólogos antes do início de obras, permitindo, assim, assegurar a avaliação do património arqueológico ameaçado, proceder ao seu registo e, eventualmente, tomar medidas para a sua preservação, mas, por ser uma prática que objectiva registar o que se vê em espaços a afectar, sem preocupação com um dos princípios básicos da arqueologia que é o de resgatar os testemunhos do passado para os definir totalmente e compreender no seu contexto,

torna-se difícil avaliar qual será o seu contributo para o conhecimento das sociedades do passado.

Em rigor, quase se poder afirmar, que este método, baseado no princípio da conservação pelo registo, sancionado pelo art.º 75.º, n.º 1 da Lei n.º 107/2001, se apresenta como a transcrição para a actualidade dos procedimentos que Winckelmann, o pai da Arqueologia, no final do século XVIII, considerou deverem ser aplicados ao património arqueológico. Infelizmente, exceptuando alguns casos, e/ou algumas matérias rotuladas de importantes, apenas se concretizam a observação e o registo. As publicações são raras e sumárias, na maior parte dos casos e, muitas vezes, por tratarem de testemunhos muito fragmentários, com dados nulos ou irrelevantes para o conhecimento das sociedades do passado.

A investigação arqueológica portuguesa, apesar do grande volume de trabalhos e do grande número de intervenções, pode não ter regredido no que respeita ao modo como aborda os vestígios, mas, sem dúvida, encontrar-se num momento de impasse que se traduz por um grandioso volume de trabalho, incontáveis relatórios e uma evolução do conhecimento quase inexistente. Entre uma Arqueologia que assume o desenvolvimento de novos questionamentos teóricos e novas metodologias, mas que não encontra apoio nos poderes públicos para se afirmar e desenvolver e a prática de Arqueologia Preventiva, prisioneira das cotas e dos espaços dos trabalhos de engenharia, mal posicionada para experimentar e desenvolver novas ferramentas práticas e participar no debate teórico, por dispensar qualquer problemática de abordagem e enquadramento das intervenções, e se conformar na patrimonialização de objectos e monumentos, numa espécie de jogo em que o presente serve de intermediário para entregar ao futuro a responsabilidade de recuperar a memória e o conhecimento do passado que, entretanto, registou a Arqueologia Portuguesa parece não ter capacidade para acompanhar o grande desenvolvimento que a disciplina vem tendo, sobretudo, na América e América do Sul e nos países onde a

Arqueologia Preventiva se organiza em torno de problemáticas científicas, recusando inscrever a sua prática num registo visando criar mapas de patrimonialização do espaço em que memória e o território operam como vectores das identidades.

De modo algum, se pode afirmar que a Arqueologia de Investigação e a Arqueologia Preventiva se invalidem ou que tenham conciliação impossível. Em França e Itália, por exemplo, onde os laboratórios de investigação participam activamente nos projectos de obras públicas, prova-se que o conhecimento resultante dessa prática é estruturante e, que, em Portugal, das raras vezes em que as problemáticas arqueológicas são acolhidas no âmbito de trabalhos de engenharia e construção e, de acordo com a lei, com o interesse da investigação, e também, o bom senso, têm oportunidade de ter voz nas decisões, como no do Museu Machado de Castro e no Conservatório de Beja prova-se a compatibilidade, proficuidade e o sucesso dos trabalhos e todos os interesses foram salvaguardados.

Prova-se, ainda, a necessidade nova uma epistemologia que abra novas oportunidades e permita rasgar o horizonte de possibilidades e criar alternativas à situação actual.

A adopção de um método que sirva de alternativa ao método estratigráfico, incapaz de permitir a observação dos processos evolutivos para além das duas dimensões, vertical (factos diacrónicos) e horizontal (factos sincrónicos) e inepto para abordar estruturas que se enquadrem e ganhem nova função num período mais recente que aquele em que foram construídas, noutra raciocínio que não seja o da reutilização; a introdução de temporalidades de dimensão espacio-temporal, que nos permitam acompanhar e perceber as dinâmicas dos processos de reciclagem próprias da evolução e crescimento das sociedades num tempo longo; a reafirmação do carácter inseparável do factos ontológicos e dos factos ambientais e o apelo à participação das ciências que nos permitam compreender os factos nesta dimensão onto-ecológica, são paradigmas ali-

cerçais da arqueologia que se constitui como ciência. Ao conferirmos o mesmo estatuto a todos os vestígios do passado libertámos do purgatório os objectos não datados, e acrescentámos aos objectos datados ou datáveis, normalmente a minoria, uma parte substancial da documentação que era retirada da construção do discurso arqueológico. Assumimos, então, o carácter não determinante da cronologia para o conhecimento sobre o passado, ao mesmo tempo que aliviámos a Arqueologia do pressuposto historicista que afirmava o pressuposto modernista de compartimentar o tempo em camadas empilhadas umas sobre as outras, correspondendo a cada uma delas uma estrutura social remetemos o seu interesse para a observação da dinâmica em espaço plurisecular.

Fiel aos princípios humanistas de construção de novo conhecimento e a cada processo de recomeço do mundo, a Arqueologia actual, no seu carácter pluridisciplinar, na multiplicidade de dimensões que se lhe reconhecem, beneficiando de uma metodologia

desenvolvida para intervir em contextos complexos onde se encontra inscrito o percurso das sociedades e o modo como ao longo dos tempos se relacionaram e reciclaram ou desprezaram o passados, apresenta-se como a ciência mais preparada para ponderar o destino desses vestígios, considerando as necessidades que as sociedades contemporâneas têm de usar o espaço, de aceder a equipamentos que permitam melhorar a sua qualidade de vida e beneficiar dos bens culturais e sociais e de participar no desenvolvimento económico. A Arqueologia pode, por isso mesmo, proporcionar e desenvolver os interesses científicos e sociais de produção de conhecimento sobre a herança cultural, analisando-a em várias escalas espaciais e temporais, de modo a compreender a dinâmica de construção e daí extrair os elementos que permitam compreendê-la nas temporalidades da sua construção e, também, na perspectiva de uma entrega à sociedade contemporânea.

* Professora da FLUC



A Ciência do Desporto

Carlos Gonçalves *

O triunfo da economia informacional e a mudança dos canais de transmissão das notícias e ideias, alteraram profundamente o conceito de cultura que se massificou e incorporou novas áreas da vida, que tradicionalmente lhe eram alheias, formando um grande caldo de cultura popular que atravessa transversalmente todas as classes sociais do mundo moderno. O Desporto tornou-se parte integrante – talvez a mais importante – dessa “cultura popular”. As transformações assumidas pelo capitalismo a partir dos anos 80 do século passado e transmitidas a todas as manifestações da vida social, em todo o mundo, a uma velocidade muito superior ao que a História conheceu no passado, vieram abalar profundamente o relacionamento das pessoas com o trabalho, com a natureza e com a sua própria humanidade individual e colectiva. À ética industrial, na sua versão keynesiana, baseada no trabalho interdependente e na manutenção de níveis mínimos de solidariedade e coesão social, sucedeu-se a presente fase, que consagra o sucesso individual, mediado pelos níveis de consumo, como o valor supremo a perseguir. Em paralelo, a explosão de informação e a transformação radical do nosso relacionamento com os media, carregaram problemas acrescidos, muito particularmente no campo da educação, da cultura e das questões intergeracionais. Do ponto de vista ético, a consequência deste acelerado desfasamento entre realidade e discurso (ainda) dominante traduziu-se inevitavelmente em discurso sobre “crise de valores”. Descartes, Kant, a Declaração (Universal) dos Direitos do Homem tornam-se ob-

soletos, em favor do Relativismo, Multiculturalismo e da “ética light”.

O Desporto não escapou às transformações de paradigma e, bem pelo contrário, está no cerne do turbilhão que atravessa a transição do milénio, como espelho de mudanças sociais que lhe alteram as funções tradicionais e, no limite, o põem em causa. O aumento desmesurado da sua importância económica, decorrente da aptidão para ser um veículo mediático óptimo da globalização e da procura social da prática por parte de segmentos da população em busca de lazer saudável e do “corpo perfeito”, vem colocar questões éticas novas e complexas. Esta aparente contradição entre a exacerbação da excelência destinada ao espectáculo global - no desporto profissional – e a prática motivada pelo prazer ou pela busca da saúde e beleza traz consigo um abalo profundo à ideologia que fundamenta a formação desportiva dos jovens praticantes: correspondência entre a base e a elite, carreira balizada por etapas de preparação e norteada por fidelidade a uma modalidade desportiva e a valores de disciplina, perseverança, apego ao grupo e respeito pelas regras escritas ou tácitas.

As idades de máximo envolvimento desportivo coincidem com o período em que o abandono da prática tem tendência para aumentar e com os escalões etários em que a maioria das modalidades desportivas organiza competições de jovens já próximas do modelo das competições dos adultos. Ora, a compreensão total do significado de competir contra um adversário, que implica o desempenho de fun-

ções, o respeito por regras e o entendimento das causas e efeitos dos resultados das acções motoras não é um processo inscrito na ontogénese dos praticantes, abrindo a porta para a instrumentalização social e política do papel do Desporto, em que os efeitos morais positivos são considerados imanentes e decorrentes da participação nos treinos e nas competições.

Ao iniciar a sua aprendizagem de uma modalidade desportiva na infância, muitas crianças chegam à adolescência acumulando vários anos de treino e de competição. As experiências destes jovens no âmbito da prática social do desporto, sejam gratificantes ou decepcionantes, não irão depender, na grande maioria dos casos, da obtenção de resultados de excelência ou de participação em competições de elite, mas de outros factores de ordem pessoal e social, profundamente enraizados na ética, nos códigos e nas regras do desporto.

A estrutura técnica do desporto não possui significado moral intrínseco. O impacto da participação das crianças no desporto vai variar de acordo com o tipo de desporto (individual ou colectivo, nível de contacto), a qualidade e o estilo de treino. Os estudos de Shields e Bredemeier filiam-se na matriz teórica estruturalista, desenvolvida por Kohlberg e plasmada no modelo de acção moral de Rest. Em divergência com esta abordagem conceptual, a teoria da aprendizagem social postula que a investigação da psicologia da moralidade se deve limitar à descrição dos comportamentos morais de indivíduos e sociedades à luz do que é considerado socialmente positivo ou negativo, com o objectivo de condicionar as condutas em sentido socialmente desejável. As duas teorias têm em comum o objectivo de aplicação pedagógica, com particular incidência nas etapas de formação da personalidade humana.

É possível inferir que pensar o desporto apenas nos termos de uma linguagem moral, leva necessariamente a negligenciar o papel desempenhado pelos conflitos, o poder e os interesses, tal como acontece nas competições desportivas. Paralelamente, omitir

as relações de poder no processo de decisão, traduz-se no encobrimento dessas relações de poder no Desporto por um véu de racionalidade, acessível ao indivíduo autónomo, apto a exercer cabalmente o seu julgamento moral, mas pouco adequado à criança ou jovem imerso em contexto desportivo de elevada complexidade relacional. Neste contexto, o risco de assumir acriticamente o paradigma positivista pode transformar uma ferramenta científica em máscara da realidade. Daqui resulta a importância crescente conferida aos estudos multi-método, em que a investigação qualitativa complementa ou orienta a investigação quantitativa, na procura de um melhor conhecimento da realidade, bem como a recusa em separar os valores cognitivos de valores éticos e políticos.

Esta abordagem pode colocar questões epistemológicas e éticas à investigação. Weber insiste em que as ciências sociais são axiologicamente neutras e distingue com clareza factos de valores e meios de fins, até porque os valores não são racionalmente decifráveis. Este modelo de inquérito é complementado pelo modelo biomédico de avaliação ética, baseado no consentimento explícito do sujeito inquirido como garante da correcção do processo. Ora, os objectivos da investigação não se podem limitar à simples produção de novo conhecimento, desligado de propósitos pedagógicos e morais. Os académicos que estudam o desporto de jovens, ao tomarem consciência da natureza contraditória, nem sempre benéfica, da prática desportiva, ambicionam produzir um tipo de conhecimento que permita intervir na realidade. Será científica e eticamente aceitável que o investigador e os sujeitos de investigação desenvolvam relações pedagógicas de colaboração? A vereda estreita e arriscada que a investigação multi-método tem de percorrer para manter a sua dignidade científica e responsabilidade ética e social é ainda pouco percorrida na Ciência do Desporto. Mas vale a pena continuar esse caminho.

* Professor da FCDEFUC

Robert Étienne

Jorge de Alarcão *

Tendo frequentado a École Normale Supérieure (1942-1946) e a École Pratique des Hautes Études (1946), e depois de um estágio feito na École Française de Rome (1947-1949), Robert Étienne começou a sua carreira docente universitária na Faculdade de Letras de Bordéus em 1949. Nunca deixaria a Universidade da sua região de origem, dando provas de grande fidelidade às suas raízes – fidelidade que, aliás, também demonstrou ao longo do seu mandato como Presidente da Fédération Historique du Sud-Ouest (1973-1998).

Doutorado em 1958, prosseguiu a ascensão na carreira académica e em 1961 foi nomeado professor titular. Foi-lhe concedido, em 1988, o honroso título de professor emérito.

Recebeu o doutoramento honoris causa pela Universidade de Coimbra em 1983. Só por isso mereceria ser recordado nas páginas desta revista. Mas também o merece por tudo quanta fez pela arqueologia hispânica e, em particular, pela de Portugal.

A primeira grande obra consagrada por Robert Étienne à Península Ibérica foi a sua tese de doutoramento sobre *Le culte imperial dans 10 péninsule Iberique d' Auguste à Dioclétien*. Ainda hoje é uma obra de referência sobre a organização do culto imperial, que, mais do que simples fenómeno religioso, foi um poderoso factor de integração política. Em numerosas ocasiões voltou ao assunto, escrevendo artigos que trouxeram, mais do que revisões, pertinentes actualizações e acrescentos àquela sua obra. As relações mais directas de Robert Étienne com Portugal iniciaram-se em 1964, com as escavações em Conímbriga, que dirigiu, primeiro com J. M. Bairrão Oleiro e depois, com J. Alarcão. O relatório desses

trabalhos viria a ser publicado em 7 volumes com o título *Fouilles de Conímbriga*.

A Mission Archéologique Française, criada para as escavações de Conímbriga, não morreu com a conclusão dos trabalhos naquela estação romana. Seguiram-se as escavações da *villa* romana de S. Cucufate (Vidigueira). E a estas, os trabalhos sistemáticos na foz do Sado, de que foram principais responsáveis F. Mayet e C. Tavares da Silva, mas que R. Étienne acompanhou.

Além dos trabalhos arqueológicos em Portugal, realizou outros em Volubilis (Marrocos), Apolónia (Líbia), Bordéus (França) e Sarmizegetusa (Roménia).

Recebeu também o título de doutor honoris causa pelas Universidades de Vitória (Espanha) e Cluj (Roménia), ambos em 1991.

As escavações que Robert Étienne dirigiu (ou codirigiu) em Portugal foram escola em que se formaram muitos dos seus discípulos. A sua vasta cultura permitiu-lhe orientar uns para a epigrafia, outros para a história política, socioeconómica ou cultural e das mentalidades, outros ainda para a numismática.

O Centre Pierre Paris, que criou na Universidade de Bordéus e se converteu na melhor biblioteca de França especializada em bibliografia arqueológica peninsular, acolheu muitos doutorandos, cuja investigação Robert Étienne acompanhou e encorajou. Animava tanto quanto exigia, e só considerava findo o seu trabalho de orientador quando via uma tese publicada.

Em 2008, ofereceu ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra uma valiosa coleção de livros que muito enriqueceu a biblioteca do Instituto.

Escreveu mais de 300 obras ou artigos, sem contar as

inúmeras resenções bibliográficas, notas breves e prefácios. À seriedade científica associava a elegância da escrita.

Foi membro eleito de muitas academias, como o Instituto Arqueológico Alemão (Berlim), a Real Academia de la Historia (Madrid), a Académie Nationale des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Bordeaux (França) e o Institut (Académie des Inscriptions et Belles-Lettres).

Recebeu numerosas condecorações, como o oficialato da Légion d'Honneur (1986), as comendas da Ordre des Palmes Académiques (1981), da Ordem do Infante

D. Henrique (1980), da Ordem do Mérito da República Italiana (1970), ou o grande oficialato da Ordre Nationale du Mérite (2006).

A revista Conimbriga (do Instituto de Arqueologia da Faculdade de letras de Coimbra) consagrará ao Prof. Robert Étienne o seu número de 2009, com artigos dos seus discípulos e de muitos investigadores que honrou com a sua amizade ou que beneficiaram de seus apoios ou conselhos que sempre generosamente prodigalizou.

* Professor da FLUC



Fui tirado de dentro de mim, peça artística para a Fac. de Farmácia

Depois de *A Vocação do Medo*

António Barros

A Vocação do Medo, exposição integrada na iniciativa **A Arte das Ideias, As Ideias da Arte**, uma realização do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Capc, 1990, foi a primeira apresentação em Coimbra da obra do escultor Rui Chafes (n.1966).

Ao contextualizarmos, observamos que é também neste mesmo programa que então surgem Leonel Moura com *Identidade* e Pedro Cabrita Reis com *Silêncio e Vertigem*, acto particularmente catalogado pela revista Via Latina, VL, na série de 1987/1991.

Como condutor dos projectos referidos, galvanizei uma acção conjugada (Capc/VL), que culminou na instalação para a cidade de, *Silêncio e Vertigem*, no convento de Santa Clara-a-Velha, com consequência na posterior criação da ‘arte pública’ de Cabrita Reis, *Cogito* (obra instalada na Alameda Dr. Júlio Henriques, em Coimbra, edição da DG/AAC, 1991/1992; como illustrei em: “Intermitências da Arte Pública em Portugal”, Rua Larga, Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 15 (Janeiro, 2007), p. 26 - 29).

Nesta mesma moldura, surgem no Capc (anos 89/90), entre outros nomes de referência na contemporaneidade da arte, obras de Robert Mapplethorpe, Andy Warhol, Christo, Bruce Mc Lean, Sol Lewitt, Don Judd, Tony Cragg, Nam June Paik, Arnulf Rainer, Mimmo Paladino, Robert Longo, James Brown, Shasaku Arakawa, Sandro Chia, Francesco Clemente, Enzo Cucchi, Walter Dahn, Martin Disler, Crog Jiri Dokoupil, Keith Haring, Joy Immendorff, Per Kirkeby, A.R.Penck, Cindy Sherman, Emilio Vedova e Julião Sarmiento.

Sarmiento, ‘Prémio Universidade de Coimbra 2009’, teve também a primeira mostra da sua obra nesta cidade uni-

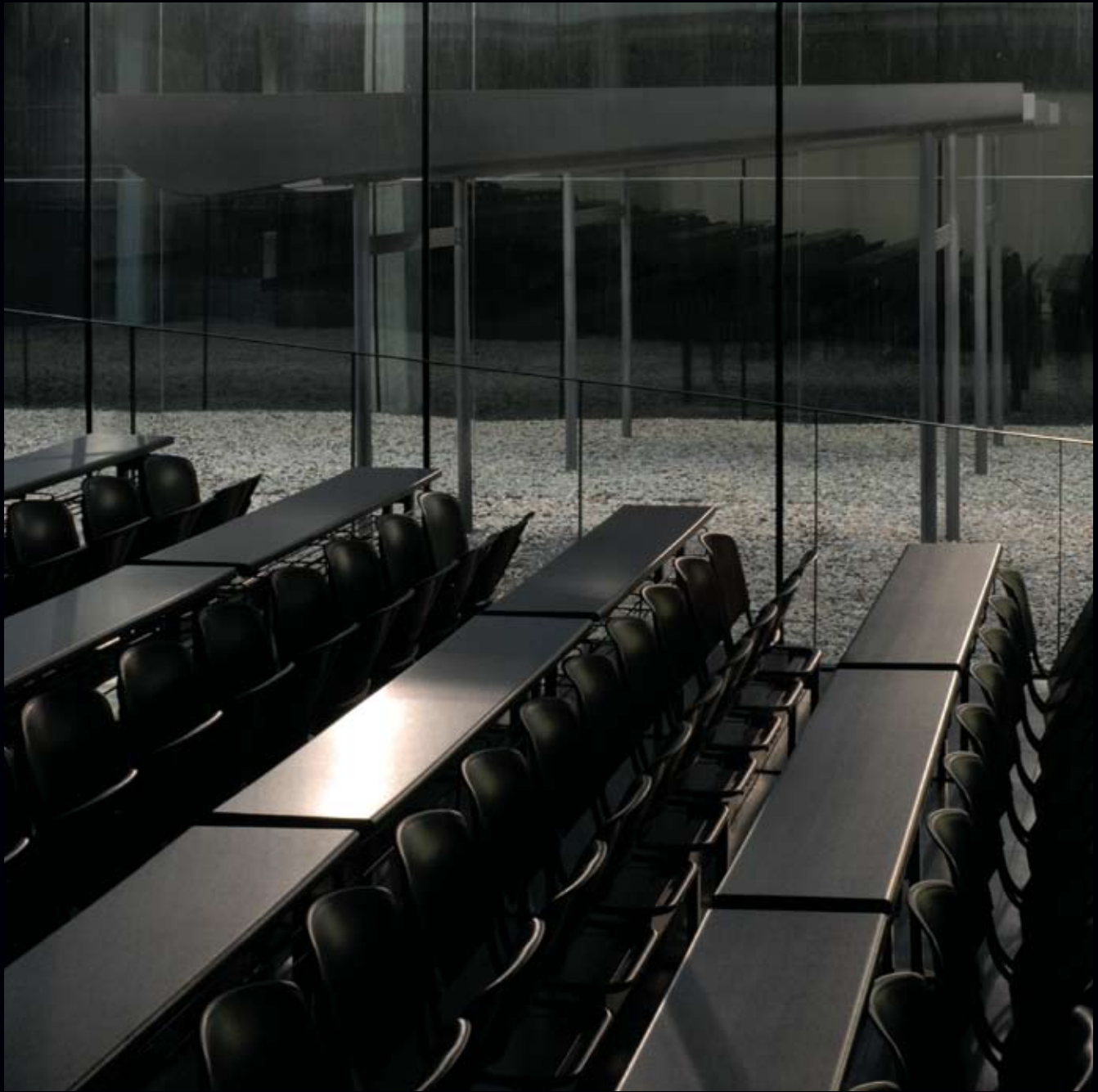
versitária com a vídeo-instalação *Gnait*, 1979, inscrita na iniciativa do Capc : **Dois ciclos de exposições, Novas Tendências na Arte Portuguesa / Poesia Visual Portuguesa, 1979-80** (comissários: Alberto Carneiro e António Barros, e a presença de artistas que afirmaram a melhor identidade dos anos setenta como: e para além de Sarmiento, Ana Hatherly, Fernando Calhau, Ernesto Melo e Castro, José Conduto, Joana Rosa, José de Carvalho, António Aragão e António Palolo; catálogo: CÍRCULO de Artes Plásticas de Coimbra; Novas Tendências na Arte Portuguesa / New Tendencies in Portuguese Art - Poesia Visual Portuguesa / Portuguese Visual Poetry. Coimbra; Capc, 1980).

Três anos mais tarde Julião Sarmiento volta com *Pintura sobre papel*, 1982, ao Capc, e, com *Dia de Reis*, 1985-86, foi capa da revista Via Latina, com edição ainda de *Dois Amigos – o sono e a lança*, 1984, (VL, n.º Fev.1990).

Agora que celebra 50 anos de actividade continuada (e consequente), importa exaltar o visionarismo do Capc, pioneiro, não apenas na difusão do trabalho em Coimbra de Chafes, Cabrita Reis e Sarmiento (entre muitos outros artistas de obra reconhecida), mas, e no dizer de Vicente Todolí, parte integrante de quem fez gerar um movimento de contaminação de vanguardas, matéria das mais originais páginas da Arte Portuguesa Contemporânea, com conteúdos (como o *Visualismo*, anos 60 -80) hoje merecedores de aturado estudo e edição.

Em 1990 Rui Chafes responde a novo convite, também para a revista Via Latina (n.º Nov.1991), com um trabalho original: *Light*, inscrito num programa que então formulei para esta publicação da Academia.





O projecto, vocacionado em divulgar o que melhor se fazia no domínio da Arte e Arquitectura portuguesas dos anos noventa, como até mesmo a literatura e o pensamento contemporâneo vocacionado para um entendimento da *cultura de identidade nacional* e sua expansão, acabou por contemplar a *galeria de autores* com mais de 200 participações.

Na senda de **Alquimias**

Em 2000, no âmbito dos Encontros de Arte **Alquimias, dos Pensamentos das Artes** – iniciativa que *desenhei* em resposta a um convite, para enunciar as comemorações dos 25 anos da Associação Nacional das Farmácias, ANF, em Coimbra –, surgiram em projecto cinco escultores: Alberto Carneiro, Rui Chafes, José Pedro Croft, Rui Sanches e Manuel Rosa. Ao mesmo programa tornou-se obrigatório encontrar, neste núcleo de artistas, o potencial autor de uma obra sinalizadora – Uma peça que cumprisse função evocativa das ciências farmacêuticas, resultando como arte de fruição pública, e a ficar, para isso, sediada nas novas instalações da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, FFUC (Pólo das Ciências da Saúde).

A opção foi por Chafes. E quem hoje estudar a semântica da obra criada – a escultura *Fui tirado de dentro de mim*, encontrará, sem esforço, valores suficientes para entender como a escolha foi oportuna.

Convido a uma leitura atenta das palavras de Vitor Serrão no texto que abre a publicação: ‘O Tangível e o Intangível’, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, IUC, 2009, que cataloga a excelência do património móvel residente nesta universidade:

“... A presença da escultura de Rui Chafes na Universidade de Coimbra, num espaço de eleição de uma das Faculdades, dá-me que pensar. De facto, foi quase sempre assim que se passaram as coisas na encomenda artística em Coimbra, quando reflectida e conjugada com a exigência do cliente universitário: o tangível e o intangível cruzaram-se, e cruzam-se, por norma, nas obras de arte que à sombra desta encomenda sapiente e consciente (ou sob a sua influência) foram geradas pelos homens ao longo de vários séculos.

Esta escultura de Rui Chafes assume, assim, uma modernidade e ao mesmo tempo uma *sabedoria de fazer* que é antiga, e que me permite contemplá-la com o mesmo calor afectivo com que olho, por exemplo, outras esmeradas peças de escultura medievais, renascentistas ou barrocas disponíveis ao olhar em outros espaços de Coimbra...”

A iniciativa **Alquimias** surgiu em 2000, contexto em que a encomenda da peça vem a formular-se, obrigando ao escultor acrescido empenho, *ser visionário*, para fazer surgir uma peça a habitar um edifício, então inexistente, e ainda sem autor de projecto.

Olhando hoje a convergente conjugação de ambas as obras agora realizadas (a escultura, e a arquitectura de Matos Gameiro & Carlos Crespo e CLCS para o edifício), concluímos como a visão de Chafes foi premonitória, e como o património desta universidade logo resultou acertadamente enriquecido com uma obra exímia, presenteada à FFUC pelas farmácias portuguesas em associação (ANF).

Alquimias foi uma iniciativa para a cidade, que contemplou a Universidade de Coimbra (durante o evento), também com uma instalação de Berta Ehrlich (Sala do Exame Privado), e uma outra escultura de Ricardo Jacinto (Casa dos Melos), como mesmo ainda a presença, em mostra, de mais de 150 artistas (intervenientes em diferentes domínios performativos – da dança contemporânea à música experimental e o cinema, mas predominantemente nas artes plásticas: Paulo Ribeiro, Anabela Duarte, Pedro Proença, Miguel Palma, Vasco Araújo, Paulo Mendes, Leonor Antunes, Catarina Campino, João Sousa Cardoso, Manuel Maia ou Pedro Sena Nunes; **Alquimias**, Lisboa, Publicações Farmácia Portuguesa, Junho, 2001), e, no centro do acontecimento, uma evocação antológica (a primeira em Coimbra), da obra artística de Alberto Carneiro, que dedicou uma parte significativa do seu percurso à pedagogia nas artes plásticas, mormente em Coimbra, no Capc.

Fui tirado de dentro de mim, a peça de 2000 de Chafes para **Alquimias**, agora a público, afirma um momento de singular fulgor do discurso de obra deste escultor, obra essa,



da qual Coimbra vem recebendo novas presenças, posteriores a *Fui tirado de dentro de mim*, como: *Aproxima-te, ouve-me*, 2002 (Centro de Artes Visuais); *O mundo fica em silêncio*, 2004 (Jardim da Sereia) e *A mesma origem nocturna*, esculturas de Rui Chafes no Jardim Botânico, 2008 (exposição dinamizada pelo Instituto de História da Arte, FLUC, e inscrita na **X Semana Cultural da Universidade de Coimbra**), testemunhada em catálogo, edição da IUC, onde, com o texto ‘O silêncio da noite é ensurdecedor’, Delfim Sardo apresenta a colecção. [Rui Chafes, *A mesma origem nocturna*, esculturas de Rui Chafes no Jardim Botânico / *The same nocturnal origin*, sculptures by Rui Chafes on display at the Botanic Garden, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008].

É feliz a consciência de que Coimbra, na sua galeria de ‘arte pública’ (em construção), faz-nos já comungar de uma constelação ímpar de autores e obras. Pois, para além das peças referidas de Chafes, temos no *lugar certo* outros bons exemplos como: *Cogito* de Cabrita Reis, ou *Memorial Miguel Torga*, 2007, de António Olaio e José António Bandeirinha, presenças e actos onde, e nos quais, a Universidade de Coimbra afirma presença, e de que a cidade se pode orgulhar.

É gratificante observar como o investimento primeiro (em tempos que convulsivamente me convocaram) não foi em vão, mas há que continuar a contrariar a vacuidade e o tédio, e ir mais longe.

A cidade saberá merecer essa *nobreza*.

Plantas *in vitro*

Jorge Canhoto *

As plantas são organismos que após a conquista dos ecossistemas terrestres ocuparam praticamente todos os *habitats*, desde as regiões frias das altas montanhas e da tundra às zonas desérticas, onde as temperaturas são elevadas e a disponibilidade de água reduzida. Esta capacidade de adaptação resulta, em grande parte, da sua plasticidade de desenvolvimento que lhes permite umas vezes reproduzirem-se sexuadamente, aumentando assim a variabilidade genética, e outras assexuadamente dando origem a um grande número de indivíduos geneticamente uniformes que rapidamente podem colonizar um determinado habitat. A capacidade de propagação das plantas por via vegetativa é utilizada desde tempos imemoriais pelos humanos para multiplicarem as plantas com as características mais desejáveis. Quando “semeamos” batatas ou quando fazemos uma enxertia não estamos a fazer mais do que a multiplicar as plantas sem intervenção da reprodução sexuada. Dito de outra maneira, estamos a clonar plantas. Desde meados dos anos 50 do século passado foram estabelecidos protocolos experimentais para a clonagem em laboratório de um grande número de espécies. A pergunta que imediatamente surge é: se é tão fácil propagar plantas para quê cloná-las em condições laboratoriais? A resposta é simples: a propagação em laboratório, vulgarmente conhecida por micropropagação ou cultura *in vitro*, permite obter, num curto espaço de tempo, um número bastante maior de indivíduos do que em condições de campo. Para termos uma ideia da taxa de multiplicação importa referir que, a partir de um único meristema de alfarrobeira, se

podem obter, após um ano de multiplicação *in vitro*, mais de um milhão de plantas geneticamente iguais. Além disso, estas plantas são produzidas em condições assépticas para evitar a contaminação por fungos ou bactérias tendo uma qualidade fitossanitária superior. Também importante é o facto das culturas serem realizadas sob condições de temperatura e luminosidade controladas permitindo otimizar o seu crescimento. Outras vantagens da propagação de plantas *in vitro* são a possibilidade de manter e propagar espécies que se encontrem ameaçadas de extinção, a regeneração de plantas isentas de vírus, o desenvolvimento de variedades mais produtivas, a análise do efeito de compostos químicos (herbicidas, hormonas, poluentes) no desenvolvimento das plantas, a utilização das culturas para a produção de compostos químicos com interesse comercial (produção de medicamentos) e a obtenção de plantas geneticamente modificadas. Neste último caso, é necessário que primeiro seja introduzido um gene de interesse nas células (por exemplo, resistência a um insecto) e, depois, que essa mesma célula possa dar origem a uma nova planta. Finalmente, e numa perspectiva de investigação mais fundamental, as culturas *in vitro* são um precioso auxiliar na compreensão e as plantas assim produzidas têm um custo unitário superior ao das obtidas por semente ou por técnicas convencionais de clonagem, como a enxertia ou a estacaria. No entanto, a qualidade dos propágulos, compensa o seu preço mais elevado.

A Universidade de Coimbra possui, desde os anos 70, um laboratório de Biotecnologia Vegetal no Departamento



de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia onde se aplicam os procedimentos acima referidos. Ao longo destes anos foram desenvolvidos protocolos experimentais para a multiplicação de mais de 100 espécies de plantas. Actualmente, o laboratório mantém uma colecção de germoplasma única no país com cerca de 40 espécies que é utilizada como apoio às actividades pedagógicas, em actividades de divulgação científica, pelos alunos de mestrado e doutoramento e como apoio aos projectos de investigação em curso. De entre as plantas que actualmente são mantidas destacam-se várias espécies de lavândulas com vista à produção de óleos essenciais, diversas espécies de umbelíferas que se encontram ameaçadas ou que apenas existem em *habitats* muito específicos (endemismos), plantas aquáticas para ensaios de fitorremediação, diversos genótipos de medronheiro e alfarrobeira, algumas plantas produtoras de frutos exóticos (feijoa e tamarilho), batateiras, aloés, bananeira, eucalipto e videira. Os projectos actualmente em curso incluem o estabelecimento de um banco de sementes de plantas da Serra da Estrela, o melhoramento de uma espécie (*Jatropha curcas*) utilizada na produção de biocombustível, o estudo da embriogénese e da formação do lenho, a caracterização óleos essenciais e compostos fenólicos e a selecção e melhoramento do medronheiro.

O laboratório de Biotecnologia colabora com várias instituições nacionais e internacionais e a sua equipa de investigação é formada por dois professores, uma assessora, uma técnica de laboratório, uma funcionária de apoio, 7 alunos de doutoramento, 10 alunos de mestrado e dois bolsiros de investigação.

* Professor da FCTUC





Ao Largo

RETRATO DE CORPO INTEIRO
CRIAÇÃO LITERÁRIA
LUGAR DOS LIVROS

João Mesquita

Jornalismo com Maiúscula

José António Bandeirinha *

Foi a 12 de Março de 2009. Faleceu o João Mesquita, o editor da Rua Larga. Podemos dizer que faleceu em pleno exercício do seu mister de sempre — o Jornalismo. Assim mesmo, Jornalismo com maiúscula. Foi assim que ele sempre entendeu a actividade que abraçou, foi sobretudo através dele, e por causa dele, que eu próprio, apesar de todos os indícios, fui continuando a considerar o Jornalismo. Com maiúscula.

A dedicação que esta revista lhe deve, desde o número 19, de Janeiro de 2008, está muito para além do trabalho de edição dos textos, pese embora a sua competência a toda a prova. Pressentia-se e pressentia-se no enlevo que o João punha em mais esta sua incumbência profissional, na paixão com que o fazia, deixando perceber que o que estava em causa não era a edição de uma revista qualquer, mas de uma revista da sua cidade, da sua academia de eleição.

Com a morte do João Mesquita, há uma parte de nós que desaparece. Há uma parte da Rua Larga que se vai. Há uma parte importante do Jornalismo com maiúscula que se esvanece.

* Pró-Reitor para a Cultura



João Mesquita

Uma vida grande

José Manuel Pureza *

Poucos são os que passam no crivo exigentíssimo de irem além de um “modo funcionário de viver”, metralhado por Alexandre O’Neil. O João Mesquita foi inquestionavelmente um desses poucos que teve uma vida grande e não uma vidinha. Essa grandeza fundou-se na sua invulgar verticalidade e coerência, na sua exigência de princípios e intransigência de recusas. Mas isso nunca rimou com sisudez nem com amargura. Foi sempre expressão de uma paixão incontida pela liberdade e por um apego teimoso à solidariedade.

João Mesquita foi um dos melhores de Coimbra. Aqui nasceu em Junho de 1957, aqui quis voltar no princípio dos anos noventa, na ressaca de um jornalismo a ficar sem espinha e cada vez mais respeitosa e aquietado perante os pequenos e grandes poderes. Amou Coimbra e lutou por ela, comprometendo-se com activismos cívicos vários e, mais que tudo, vivendo e trabalhando aqui com a mesma exigência e ousadia que teria numa qualquer grande capital do mundo. E a cidade tratou-o mal. Foi a soberba autoconvencida de algumas pequenas elites coimbrãs que atirou um jornalista de excepção para o degredo. Na verdade, essas vidinhas nunca souberam reconhecer a vida grande que era o João Mesquita. Porque a sua liberdade insubmissa as incomodou sempre. Fez bem a Universidade de Coimbra ao chamar o João para a Rua Larga. Resgatou a sua dignidade para a cidade.

João Mesquita foi um dos melhores da Académica. Não desistiu de a ver e viver como um baluarte de civismo desportivo e uma instituição com memória, muito mais do que como uma simples equipa de

futebol, rendida aos ditames e truques do chico-espertismo mais torpe. O testemunho dessa visão – a monumental “Académica: história do futebol”, que construiu com João Santana – foi talvez o motivo primeiro da sua incrível resistência à doença. Cada uma daquelas páginas é um testemunho vibrante de paixão, em tudo semelhante à de Totó pelos fragmentos de filme que recebe como herança em Cinema Paraíso.

João Mesquita foi um dos melhores do jornalismo. “Posso dizer que (...) aprendi a ler pelos jornais”, haveria de recordar. O seu percurso por muitos jornais foi feito de firmeza na defesa de uma escrita crítica (e, por isso, séria) na compreensão dos factos. O João assistiu à proletarização dos jornalistas, à sua transformação em produtores de conteúdos e à capitulação do jornalismo rigoroso às mãos das assessorias de imprensa. Com sabedoria, advertiu que “as redacções pensam pouco, agem ainda menos e as direcções e administrações (...) só pensam no lucro imediato”. “Por que não tem este jornalista lugar numa redacção?”, perguntou quem o entrevistou. A resposta era óbvia e não precisava de ser dada.

O João Mesquita foi sempre um dos melhores na amizade. O João foi um camarada, no sentido mais denso que a palavra tem – nos jornais, na política, no desporto, na vida. Ele sabia que a amizade é uma rua larga.

A mais larga de todas. É nessa rua que o João vive. Para sempre.

* Professor da FEUC

O escritor que sempre amou as mulheres na vida e no papel

Henrique de Senna Fernandes

Martha Mendes

Henrique de Senna Fernandes, antigo aluno da Faculdade de Direito, tinha 15 anos quando foi a Cantão e conheceu Mamiu. Ela tinha 18 e ele apaixonou-se. Mas nunca a beijou. Um dia Mamiu disse àquele que havia de se tornar o maior escritor contemporâneo de Macau, que ia partir. O pai tinha-a vendido para Hong Kong onde – depois da invasão japonesa – havia muito trabalho para meninas bonitas de famílias carenciadas. “O mundo desmoronou-se para mim. Tive um grande desgosto. Percebi a vulnerabilidade da mulher”, recorda Senna Fernandes. Este episódio havia de ser o primeiro de uma vida dedicada a amar as mulheres. Na vida e na literatura.

Anos depois, quando foi estudar, Henrique conheceu Coimbra. Foram tempos duros. Queria ter seguido Medicina mas rebentou a Guerra e Henrique já não embarcou para a Universidade. Entretanto passaram 4 ou 5 anos e como queria tirar um curso optou por Direito. Formou-se com 10 valores. “Sofri muito durante aqueles anos, não era o curso que eu queria, nunca pensei que seria tão difícil”, diz enquanto aponta para o diploma na parede com ar de indiferença.

Hoje, aos 86 anos, o autor de “Amor e Dedinhos de Pé”, tem as mãos grossas, com dedos compridos cobertos por uma pele rugosa, engelhada e amarela. Não podia ser de outra forma: nas suas veias misturam-se os sangues português, goês e chinês.

O nome Senna Fernandes é bandeira de uma das mais antigas famílias macaenses, que aqui nasce há mais de dois séculos.

As unhas, cortadas de forma irregular, sobressaem nas suas mãos, expressivas. Têm gestos largos, de contador de estórias. Ainda há pouco tempo Senna Fernandes gostava de descrevê-las como “umas mãos que sabem acarinhar”, mas actualmente Henrique não consegue falar. Recentemente, uma doença tomou-lhe de assalto a garganta. A medicina devolveu-o à vida mas sem voz. E agora são as mãos e os olhos que falam por ele, solidários.

Apesar da doença lhe ter diminuído a carne até aos ossos, o seu rosto é ainda muito agradável. O nariz redondo e achatado arruma-se entre dois olhos doces, profundos e felizes, reflexo de uma vida vivida sem medo. Para além das rugas, por onde se escondem estórias com quase 90 anos, sobressaem as sobrancelhas despenteadas e rebeldes como o homem, que hoje caminha apoiado numa bengala, também já foi.

Maria Teresa Ho Heong Sut foi sua mulher durante 40 anos. O seu nome significa “neve perfumada” em chinês. Quem vê fotografias do dia do casamento dos dois percebe porquê. Bonita, elegante, vestida de branco, de braço dado com o homem que acabava de aceitar para toda a vida, parece esconder uma daquelas forças interiores discretas, subtis. É o pró-prio companheiro de toda a

vida que reconhece: “era uma rapariga corajosa”. E era preciso coragem para ser apaixonada por Senna Fernandes. A figura feminina esteve sempre presente na vida do escritor. Na realidade e na ficção. Emocional e apaixonado, ou como descreve o filho Miguel “um amante da vida”, Henrique é um *bon-vivant*. Ainda pouco tempo antes de perder a voz Senna Fernandes recordou com nostalgia um tempo em que “à tardinha os homens iam admirar as meninas”. Sempre nos jardins, que “são lugares comuns dos poetas e escritores”.

Nos seus romances é à mulher que dedica maior atenção e foram as mulheres que conheceu ou as que se cruzaram por acaso na sua vida que o ajudaram a construir as personagens da sua obra, um retrato fidedigno de Macau do antigamente.

Para além de advogado, Henrique de Senna Fernandes foi também professor, caminho pelo qual enveredou por falta de clientes. Mas foi aí, garantem os antigos alunos, que Senna Fernandes descobriu “a verdadeira vocação”.

José Sales Marques, ex-aluno, recorda com um sorriso rasgado que “nas aulas de História de Arte as conversas sobre o Louvre eram ilustradas com descrições das belas francesas que o professor tinha conhecido por lá”. Se lhe pedirem para descrever o antigo professor em poucas palavras a resposta sai-lhe cúmplice:

“É um malandro; mas um bom malandro”. Leonel Alves, deputado, também foi aluno de Senna Fernandes e conta que o docente lhe “ensinou muito e também sobre a vida”. Foi o antigo professor de História que lhe explicou “as artes de fumar um bom charuto”, recorda feliz.

Para além dos livros e das árvores que plantou, quando partir Henrique deixa sete filhos: Cristina, Marina, Miguel, Vasco, Filipe, Nuno e Ana Maria, com apenas 20 anos. O filho Miguel, advogado como o pai, fala de Henrique como “um bom compincha”, mas garante que o escritor “é um homem orgulhoso, de personalidade muito forte”. A fama de mulherengo do pai não parece incomodar o filho. Pelo contrário. Os olhos brilham-lhe quando reconhece que o pai “viveu muito”. Como se estivesse a concluir a ideia do irmão, o filho Miguel acrescenta: “ele educou-nos muito bem, para a cultura, mas também para a vida; ensinou-nos a perceber as pessoas”.

Agora já não são as mulheres, mas a escrita que o prende à vida. Está a terminar o livro “Pai das Orquídeas”. E mesmo frágil e debilitado, garante que há-de arranjar força para o terminar porque a obra não pode ver a luz do dia sem os cinco capítulos que lhe faltam. “Ainda o vou acabar”, assegura, fazendo um esforço imenso para pronunciar as poucas palavras. Só quem não o conhece é que duvida.



Pagineida em prosa

Onésimo Teotónio Almeida

Em tempos idos escrevi sobre a mais-ou-menoslogia bibliográfica portuguesa, contando a odisseia de descobrir um livro pátrio que afinal não era livro, porque imperava então a anarquia nos processos de rodapés dos textos. Tratava-se afinal de um artigo, mas as indicações sobre a sua publicação eram no mínimo crípticas e despistavam qualquer experimentado, mesmo bibliómano. Resultado: foi para mim frustrante e insane aventura lançar-me aqui nos *States* na peugada do que afinal não passava de um magríssimo folheto. Para cúmulo, sem grande importância. Ainda hoje andamos longe dos requintes alemães ou anglo-saxónicos em rigores de edição, porque o progresso já atingido não permite ainda meças. Afoito-me por estas afirmações dentro e anticipo a reacção patriótica de leitores ofendidos, mas quem vive em estereofónico, conversando para dois lados do mundo, neste caso para as duas margens do Rio Atlântico, entende bem de onde brotam estes reparos. Para Portugal vai um texto à última hora porque o editor/organizador não pode esperar mais. Em regra, quando chega é um alívio, se não uma festa. Entra intacto nas rotativas. Com os miudinhos saxões anglo-americanos, todavia, o galo de Barcelos não consegue cantar à sua maneira. O catálogo das estórias a exemplificá-lo é grosso e recorro apenas à mais recente.

O aviso da Stanford University Press para fornecer um dado bibliográfico que faltava num artigo, parte de um volume colectivo, chegou cedo. O texto já havia circulado entre mãos incontáveis, como é da praxe tradicional, e cada leitor secreto dera com a sua falta de vírgula, erro de número de página, nome incorrectamente grafado, uma tradução duvidosa e mais

dezenas de alternativas estilísticas como o exige o rigor miudinho da praxe editorial anglo-americana, a que agora a Internet facilita desassombadamente a vida colocando os autores à mão de semear dos *editors*. Onde quer que estejamos, chegam e-mails a exigir a explicitação de pormenores, a precisão de dados, ou a resposta a *queries* formulados pelos *referees*, e mais alterações de vírgulas e aspas. Nesse meu caso específico, faltava a indicação de página na citação de um livro sebento e quase raro. E eu estava de férias, para mais não propriamente com o admirável mundo novo da Internet à mão. O prazo concedido, no entanto, permitia-me folga para tratar do assunto após o regresso aos *States*, até porque a Madeira não é sítio particularmente fértil em matéria de bibliotecas. Teria de esperar. E podia.

Regressado a Providence, e antes do começo da azáfama académica, fui no encalço da dita informação. Confesso algum despreocupado ranço, pois obter um número de página seria obra de minutos. Pelo menos assim supus no meu inveterado optimismo, alimentado pela eficiência dos serviços bibliotecários das universidades americanas. De súbito, porém, tudo começou a desandar. O livro, *História das Matemáticas em Portugal*, de Francisco Gomes Teixeira, tinha sido por mim consultado na Internet em versão digitalizada, que altera completamente as páginas do original. Para complicar, o texto evaporara-se da Internet. O sítio declarava-se não mais disponível. Tentei justificar aos *editors* que o endereço por mim fornecido em rodapé indicava a data em que fizera o download. Naquela data ele existia e eu tinha a prova impressa. Apodítica. Mas nem pensar! Havia – exigiam-me – que conseguir

um exemplar autêntico do livro. Em papel e osso. Tudo bem. Só que o prazo de envio da informação terminava em apenas vinte e quatro horas, sob pena (a ameaça fora explícita) de atrasar todo o processo editorial, com o conseqüente chutar da publicação do livro para o próximo ano. Faltava apenas aquele dado para se fechar a composição do volume e enviar o produto para o estúdio seguinte. (Pagam-se caros estes lapsos de ausência da vida real. Agora ela regressava atacando em cheio.) Mas este estaria em breve fora de portas, ainda confiei.

Ou não estava. Porque. Inesperadamente, a excelente biblioteca da Brown (depositária de uma soberba coleção em história da Matemática) não tinha o livro, embora exibisse um outro ainda mais raro do mesmo autor, Panegíricos e Conferências. Colado à Net e em cata do primeiro, tentei o sistema de empréstimo Entre-Bibliotecas, que me garante acesso a 90 milhões de livros em poucos dias, vindos das redondezas de Providence. A não ser que se esteja disposto a consultá-los directamente, se a urgência é urgente. Com o acesso automaticamente autorizado, não há remédio senão ir em pessoa. O serviço de Interlibrary Loan, consultado mesmo de casa, produziu-me de imediato uma amostra de vários exemplares existentes no país, um deles na biblioteca da Yale, em New Haven, 160 Km a sudoeste de Providence. Era uma hipótese. Dar lá um salto não seria difícil e, em último recurso, solucionaria o aperto. Entretanto, havia os amigos em Portugal. O Francisco (Craveiro de Carvalho) saltou-me como a escolha perfeita – matemático de profissão a leccionar na Universidade de Coimbra, inesperadamente fã de poesia, que escreve, traduz e até edita. Com a vantagem, neste caso, de ter um gabinete perto da Biblioteca, a aposta não tinha rival. Por isso via telefone para lá tentei um SOS. Ninguém respondeu, mas ficou a mensagem no gravador, atenta, à sua espreita. Havia, no entanto, que arranjar pneus de socorro para uma eventual emergência antes de recorrer à já mencionada última hipótese da Yale. Ele havia várias. Eliminar a citação, pura e simples-

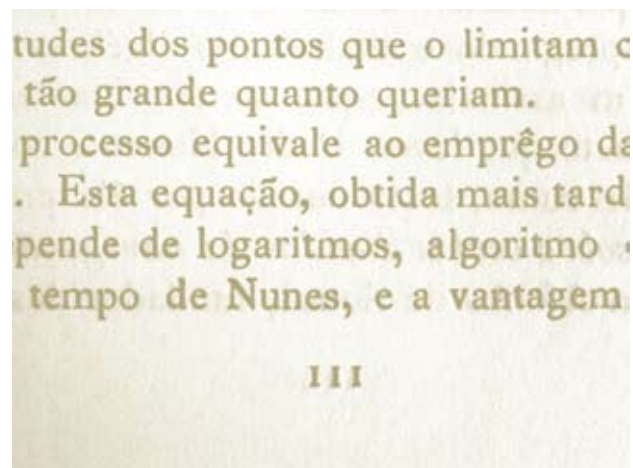
mente, parecia a mais óbvia. Ilusão pura, no entanto, pois não resolvia o problema. O livro estava já formatado e ela era longa. Retirá-la alteraria por completo toda a subseqüente paginação. Ocorreu-me então outra: encontrar uma citação equivalente. Teria, porém, de estar já em inglês, pois se fosse um texto traduzido para a ocasião havia que submetê-lo ao editor, que inevitavelmente exigiria verificar se o estilo seguia as normas usadas nos restantes ensaios. Por mais que queira evitar excessivos pormenores, importa explicar que se tratava de um escrito sobre Pedro Nunes, o nosso matemático do século XVI, a ser integrado num volume sobre a ciência na Península Ibérica nos séculos XV e XVII. Como compreenderá o leitor, esse detalhe tornava algo quixotesco o encontro de alternativas para a dita citação. E no entanto, súbito milagre produziu uma referência. Nada mais nada menos do que um artigo de W. G. R. Randles, conhecido estudioso da ciência em Portugal no período dos descobrimentos. Worldcat, todavia, dava-o como livro de que só a Universidade de Coimbra possuía um exemplar. Na continuação acelerada da busca, apercebi-me de que o velho sistema classificatório português ainda respira. Não se tratava, afinal, de um livro, mas de uma separata, porque o mesmo título saltou-me aos olhos também como artigo de revista no *Journal of Navigation*. Ainda e sempre em casa, no caos livresco e papelento em torno do computador, salto de novo à biblioteca da Brown em viagem virtual e... Bravo! Eureka! A Biblioteca de Ciências assina essa revista. Eu estava salvo e poderia a Yale ser relegada para passeio de um qualquer descontraído fim-de-semana. O meu entusiasmo, porém, esfriou quando deparei com a nota: A revista em versão papel existe só até 1992. A partir daí, apenas disponível On-Line, e para assinantes. E a Brown não assina. Olho para o relógio: por causa dos fusos, se calhar já não dá para assiná-la, visto que conseguir que a Brown volte a recebê-la seria processo demorado. De qualquer modo, ainda havia a hipótese de apanhar o meu @migo matemático de Coimbra. A essa altura do dia,

porém, em Portugal jantava-se e as bibliotecas não estão abertas até à meia-noite como aqui. Eu tinha poucas horas à minha frente, apesar do meu avanço solar de três sobre a Califórnia. De qualquer modo, novo telefonema se foi aninhar no gravador de mensagens do Francisco Craveiro.

Volto ao plano B e ao *Worldcat* e dou com um livro de Randles na coleção *Variorum* que reúne artigos dispersos sobre temas afins: Geography, Cartography and Nautical Sciences in the Renaissance. Novo milagre: esse que busco figura no índice. E a Brown possui exemplar. Exulto, mas com reservas, por achar demasiada fruta. Gato escaldado... E com justa razão, porque afinal deparo com uma nota escuraçada na ficha: CHECKED OUT. Bolas! Alguém o tem em seu poder. O computador sabe quem é mas não me assiste o direito de aceder a essa informação privada. Um livro todo inteirinho sobre a ciência em Portugal no tempo dos descobrimentos está requisitado por alguém na Brown? Que alma descolorida pode nesta universidade estar também interessada em quejando assunto? E fez-se-me luz: se for à biblioteca e tentar falar com um funcionário tipo pes-

soa-não-virtual, um ser humano compreensivo que possa comiserar comigo, atrever-me-ei a perguntar quem tem o livro. Eu bem poderia evocar razões de aflição e implorar um jeitinho para uma consulta rápida. Voei para a Sciences Library e joguei a cartada. Impassível, o moço devolveu-me apenas um sorriso fleumático. Percebi o resto. Mas nova luz se me acendeu no íntimo: E se lhe pedir para verificar se o detentor do livro sou eu, poderia ao menos confirmar? Dei-lhe o meu nome e mostrei o ID: Sim, é você. Isto é, eu. Yours truly. O livro deveria estar em minha casa. A conclusão triste de que a memória já não é o que era há-de ser choramingada mais tarde, que agora não há tempo para lamúrias. O problema passava então a ser bem diverso: como desvendar-lhe o paradeiro entre milhares de volumes espalhados por todos os quartos e andares? E intensa dúvida assaltou-me: se seria mais rápido ir à Yale ou descobrir o encoberto-desejado em casa.

Tentei ir-lhe no encaço seguindo os esquemas bizantinos do meu desarrumo. Acertei. Afinal, ele saltou-me à vista sem grandes problemas pois estava na estante onde a minha lógica o deveria ter plantado.

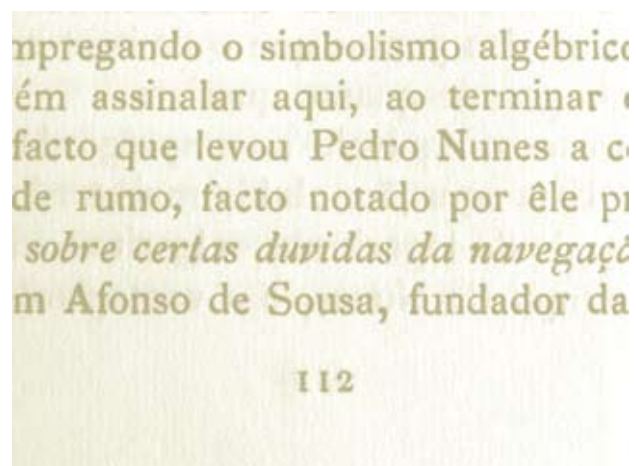


Livro na mão, começo a busca e dou, entretanto, uma olhada à Internet. Um e-mail do fjc2, o Francisco, de Coimbra, traz-me a almejada referência encontrada na biblioteca do seu próprio Departamento: as páginas são 111-112. Ena, pá! Que alívio! E ela seguiu jubilosa e célere, à velocidade da luz, para Stanford, a despoletar em resposta um e-mail eufórico e aliviado a agradecer o profissionalismo. E a consumir o fechamento do processo editorial do volume que, por minha causa correrá o risco de nascimento adiado.

Respirei fundo. Mas não contive o assalto de maus e moralizantes pensamentos. Tratasse-se de um texto de ficção e eu não teria passado essa dor-de-cabeça por causa de uma miserenta nota de-rodapé. O autor ficcionista tem uma enorme vantagem sobre o *scholar*; a autoridade, o poder supremo até, de simplesmente inventar. E, convenhamos, não faltaria portuga que, mesmo em não se tratando de ficção, se dispusesse a inventar também. Ou a mandar um palpite, assim um número aproximado lá pelos arredores da página em causa, mais coiso menos coiso. Confissão total: ruminou cá dentro a tentação, que

homo sum et nihil lusitanum a me puto. Mas reprimi no preciso instante, que a moral leva uns décimos de segundo a agir sobre os instintos (e os hábitos nacionais, por direito ancestral, são quase instintos). Para mais, recebi na adolescência a formação toda do *In Illo Tempore*, do Trindade Coelho, e do *Palito Métrico*, que em Angra me aliciou os juvenis anos com uma vida universitária coimbrã deliciosa e divertida onde ninguém alguma vez sonharia levar a sério uma saga encenada em torno de um livreco, na demanda de uma página. Ainda daria azo a poema autorado por um qualquer pontalhão, uma *Pagineida* versada a gozar a parvalhice.

Como está hoje tão longe *in tempore*, meu querido Trindade Coelho, o apelativo universo desse teu *In Illo Tempore*, que me permitiu em jovem frequentar virtualmente uma Coimbra que nunca cheguei a saber se era ficção. Agora, pelos rumores que me chegam, já nem sequer na cidade dos *teus* (que, com pena minha, nunca chegou a ser dos *meus*) *amores* tu lido és. Afinal, não era apenas de outro tempo que me falavas, era de outro mundo também.



Lugar dos Livros

Título: A Arte de Enfermeiro. Escola de Enfermagem

Dr. Ângelo da Fonseca

Autor: Ana Isabel Silva

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colaboração: CEIS20

Coimbra 2008

Nesta obra é analisada a evolução histórica da Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca, desde a sua fundação até à actualidade (1881-2004). Criada em 1881 por Costa Simões, administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra, com o objectivo de instruir o respectivo pessoal de enfermagem, a Escola teve inicialmente uma duração efémera, só voltando a funcionar em 1919. Em 1931 foi-lhe atribuído o nome de Ângelo da Fonseca, em homenagem ao director dos Hospitais. Nos anos cinquenta, sob a direcção de João Porto, registou um grande desenvolvimento, que se prolongou nas décadas seguintes, apesar do problema estrutural da falta de instalações próprias, só resolvido em 1978, e das convulsões do período revolucionário (1974-1976).

Título: Sousa Martins: Ciência e Espiritualismo

Sara Repolho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração: CEIS20

Coimbra 2008

José Tomás de Sousa Martins, nascido em 1843 em Alhandra (Vila Franca de Xira), marca a Medicina e a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. Médico e professor de Medicina, orador brilhante dotado de humor e inteligência, homem de actividade inesgotável e praticante incansável da cari-

dade aos mais desfavorecidos, exerce forte influência nos colegas de profissão, nos alunos, nos pacientes... Esta influência desenvolve-se, transforma-se e ultrapassa os grilhões do tempo. A figura de Sousa Martins é modelada, assumindo contornos de santo laico num culto actual visível no Campo dos Mártires, em Lisboa, em torno da sua estátua, e no cemitério de Alhandra (onde está sepultado).

Pretende-se nesta obra analisar os diferentes planos da acção de Sousa Martins, enquanto médico e enquanto 'santo', e as práticas de culto dos crentes que a ele recorrem.

Título: Revista Estudos do Século XX n.º 8

Coordenador: Vítor Neto

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração: CEIS20

Coimbra 2008

“Sendo a Cultura: Imagens e Representações uma dimensão da realidade histórica com uma autonomia relativa no conjunto da totalidade social e, em virtude da necessidade de continuar a investigar e a reflectir sobre esta temática, cremos que se justifica plenamente a publicação de um número da Revista Estudos do Século XX sobre este objecto-real da história. Porém, sabemos que este plano da realidade não é explicável sem o conhecimento da materialidade histórica configurada na economia, na sociedade, na política e nos aspectos jurídicos. No entanto, rejeitamos qualquer teoria do reflexo na explicação da cultura uma vez que pensamos que esta dimensão do todo social, embora sofra a determinação das infra-estruturas, também exerce a sua interinfluência dialéctica sobre a base em que assenta a história.” Excerto da Apresentação, de Vítor Neto.

Título: Psicoterapia Institucional

Autor: Bráulio de Almeida e Sousa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração: CEIS20

Coimbra 2008

Publica-se aqui uma colectânea de textos relacionados com a história e a actualidade do movimento da Psicoterapia Institucional.

Alguns destes textos são de índole essencialmente informativa; outros são de cariz assumidamente polémico — entenda-se a polémica como estímulo ao pensar.

De entre os primeiros, temos os de referência histórica e relatos sobre a metodologia da Psicoterapia Institucional na prática da Psiquiatria de Sector, a noção de equipe, a sócio-análise institucional e, muito particularmente, sobre as práticas de articulação da equipa de Psiquiatria com as equipas de Cuidados de Saúde Primários e com as estruturas locais de Acção Social; os segundos, de carácter polémico, são textos que assumem a reflexão ética e a crítica epistemológica de uma Psiquiatria objectivante que denega na teoria e na prática, tanto o Sujeito como a intersubjectividade.

Título: Plantas Aromáticas e Medicinais do

Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

Autor: Ana Cristina Tavares, Mónica R. Zuzarte,

Lígia R. Salgueiro

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

A presente obra “Plantas Aromáticas e Medicinais da Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra” está organizada de forma acessível a qualquer leitor e informa, principalmente, sobre as características botânicas e indicações terapêuticas das plantas presentes na Escola Médica, um recanto particular do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.

Título: Lazer. Da libertação do tempo à conquista das práticas

Autor: Norberto Pinto dos Santos, António Gama

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2008

O lazer torna-se um tema crescentemente importante em diversos âmbitos da socioeconomia contemporânea. Falar de lazer é, hoje, efectuar uma análise socioeconómica integrada, tendo o cuidado de não omitir, nessa abordagem, a importância das percepções e das representações, enquanto se fala do utente ou do consumidor (da pessoa que se apropria de alguma coisa), da visão de uma paisagem ao passeio, da viagem ao hobby, das estratégias ao planeamento, do mercado de trabalho ao tempo livre, do património à ecologia. In Prefácio, pág. 12.

Título: Ferrer Correia. Uma Fotobiografia

Autores: Maria Antónia Lopes, Maria João Padez

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2008

Ao longo de 320 páginas profusamente documentadas com vasto elenco iconográfico, depoimentos e entrevistas, a fotobiografia de Ferrer Correia dá-nos a conhecer o universo pessoal, académico e profissional deste vulto da cultura portuguesa.

Título: Estados Novos, Estado Novo

Autor: Luís Reis Torgal

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração: CEIS20, 1.º volume da Coleção História

Contemporânea, dirigida por Maria Manuela Tavares Ribeiro
Coimbra 2009

Desde 1982 que o autor se dedica predominantemente ao estudo do Estado Novo de Salazar. Nesta obra, intitulada Estados Novos, Estado Novo, Luís Reis Torgal procurou caracterizar o “Estado Novo” e os “Esta-

dos Novos”, mostrando a relação entre aquele e estes, nos aspectos políticos e culturais, distinguindo o conceito propagandístico de “originalidade” do regime de Salazar do conceito objectivo de “identidade”, que na verdade caracteriza cada uma das concepções e das práticas de “Estados Novos”.

Título: Diálogo da Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana

Autor: Duarte de Sande. Prefácio, Tradução e Comentário de Américo da Costa Ramalho. Estabelecimento do texto latino: Sebastião Tavares de Pinho.

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Volumes I e II da colecção “PORTVGALIAE

MONUMENTA NEOLATINA”.

Coimbra 2009

Trata-se do primeiro testemunho de uma missão diplomática do mais alto nível entre o império do Japão e a Europa do século XVI. Este longo e rico “Diálogo” impõe-se como uma obra da maior importância para o estudo das relações entre o Oriente e o Ocidente.

Título: Dicionário Internacional da Outra Economia

Coordenação: António D. Cattani, Jean-Louis Laville,

Luiz I. Gaiger, Pedro Hespanha

Edição: Almedina / CES

O Dicionário visa divulgar alternativas à economia capitalista. Autores de três continentes abordam os fundamentos e as modalidades da outra economia ou os marcos históricos do pensamento alternativo, além de assuntos mais específicos, relacionados com as empresas recuperadas, as redes de colaboração solidária, as finanças solidárias, a responsabilidade social e o comércio justo.

Espera-se, assim, contribuir para esclarecer os limites e as deficiências do sistema económico dominante. Quando se reconhece a existência de formas distintas de produzir e (con)viver, percebe-se a presença – resistente ou emergente – de outras econo-

mias que participam da construção de um mundo mais justo e solidário.

Título: Martin Behaim (Martinho da Boémia): factos, lendas e controvérsias

Autor: Jürgen Pohle

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos

Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq n.º 26

Coimbra, 2007

A história de Martin Behaim (1459-1507) é um dos capítulos mais notáveis e, simultaneamente, mais enigmáticos no âmbito da história das relações luso-alemãs. Trata-se da história de um mercador de Nuremberga, que chegou em 1484 a Portugal, país onde virá a morrer 23 anos depois. As informações, que transmitiu à sua cidade natal sobre a expansão marítima portuguesa, conduziram a uma ocupação intelectual mais intensa com o espaço colonial português por parte dos humanistas alemães. Um dos documentos que provam esse crescente interesse alemão é o denominado Erdapfel de Behaim, ou seja, o globo terrestre mais antigo até hoje preservado, que foi construído no início dos anos 90 do século XV através das indicações do nuremberguês.

Martin Behaim é sobretudo uma figura muito polémica. Os seus apologistas atribuíram-lhe alguns méritos (como, por exemplo, o de ser um grande descobridor e cosmógrafo), que fizeram correr muita tinta na investigação histórica nos últimos dois séculos. Misturaram-se em torno deste homem misterioso factos e lendas que distorceram a sua biografia e deixaram controvérsias não raras vezes duradouras. Mas qual o papel de Behaim na História dos Descobrimentos Portugueses?

O presente estudo, que se insere no projecto de investigação «História e Historiografia na Alemanha e Portugal» (coord.: Prof.ª Doutora Marília dos Santos Lopes) do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, lança, no ano do quinto centenário da morte de Martin Behaim, um novo olhar para a vida deste mercador e aventureiro alemão em terras portuguesas.

Título: Max Nordau – ‘Fin de siècle’, Dreyfus, Sionismo, Max Nordau e Portugal

Autores: Christoph Schulte e Américo Monteiro

Coordenador: Américo Monteiro

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq n.º 25
Coimbra, 2006

O presente caderno, resultante de um colóquio sobre Max Nordau e a sua obra que, por iniciativa de Américo Monteiro, se realizou, em Maio de 2006, no Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Porto, insere-se no projecto de investigação «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural» (coord.: Prof.^a Doutora Maria Manuela Gouveia Delille) do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

No primeiro capítulo, Christoph Schulte, professor de Filosofia e de Estudos Judaicos na Universidade de Potsdam, historia a vida e a actividade intelectual de Max Nordau, expondo e analisando as coordenadas do seu pensamento filosófico, contidas na sua vasta bibliografia; debruça-se igualmente sobre o seu papel interventivo no movimento sionista e o seu empenhamento na criação dum Estado Judaico. No segundo capítulo, Américo Monteiro patenteia o interesse que a pessoa e a obra de Max Nordau despertaram entre os intelectuais portugueses dos finais do século XIX, interesse aliás partilhado por um grande número de intelectuais europeus seus contemporâneos; a análise efectuada revela que muitos leitores portugueses da obra de Nordau se deixaram literalmente seduzir pelo conteúdo crítico e demolidor relativamente à cultura de época, bem como pelo estilo em que ela se encontra redigida. Tal fascínio, porém, não exclui por vezes uma postura nitidamente reticente e a denúncia dos excessos cometidos pelo pensador nos seus juízos, frequentemente gratuitos, porque nem sempre fundamentados.

Dois apêndices encerram este caderno, um conten-

do uma selecção de artigos aparecidos na imprensa portuguesa sobre o pensador e a sua obra, outro com correspondência endereçada por Max Nordau a figuras das letras portuguesas ou vice-versa.

Germanísticos, lança, no ano do quinto centenário da morte de Martin Behaim, um novo olhar para a vida deste mercador e aventureiro alemão em terras portuguesas.

Título: O Espaço no Romance Faserland de Christian Kracht

Autor: João Filipe Medeira Rodrigues

Edição: MinervaCoimbra e Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos Colecção Minerva/CIEG, 14 Coimbra 2008

Tendo como ponto de partida a apresentação da Popliteratur dos anos 90 no contexto da literatura de expressão alemã, o presente estudo centra-se num romance icónico da supra-referida tendência – Faserland (1995), de Christian Kracht. Através da análise dos diversos espaços tipos de espaço destacados ao longo da viagem que constitui o fio condutor do romance, e mediante recurso a teorias desenvolvidas por autores como Marc Augé, Michel Foucault e Aleida Assmann, procurar-se-á demonstrar que a categoria narrativa em apreço se entrecruza com os diversos vectores de sentido subjacentes à construção do romance e que a superficialidade evidenciada não pode ser encarada de modo meramente redutor, mas como um instrumento ao serviço da encenação do autor, associada à caracterização crítica de um universo social específico. A desilusão perante um mundo onde predominam os valores materialistas, em detrimento da comunicação eficaz, e ainda a incapacidade de fixação num lugar, patente na insistente demanda de novos destinos, são elementos nos quais se alicerça o permanente conflito entre o narrador e o espaço com que este se digladiava, o qual, conclui-se, pode ser entendido como o antagonista do romance.

Título: German Humanist Perspectives on the History of Discovery, 1493-1534

Autor: Dieter Wuttke

Coordenadora: Marília dos Santos Lopes

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos

Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq n.º 27
Coimbra, 2007

No seu trabalho *German Humanist Perspectives on the History of Discovery, 1493-1534*, Dieter Wuttke ensaia novas correlações e rumos para a historiografia do Renascimento. Com base em obras de insígnis humanistas alemães, Wuttke intenta averiguar quais os seus conhecimentos e reflexões sobre as novidades transmitidas pelas viagens marítimas. Considerados em grande linha como estudiosos da herança greco-romana, sempre se entendeu que os informes recentes e inovadores dos nautas ibéricos não estariam na mira dos seus interesses. Dieter Wuttke vem contrariar esta tese, reafirmando, em contraposição, o indelével contributo que os saberes revelados pelos Descobrimientos viriam a ter no seio da debutante consciência científica dos estudiosos alemães. Se a maior alteração de conhecimento se faria sentir na geografia, não seria, contudo, apenas nesta área de saber que surgiriam atentos e inovadores trabalhos de célebres humanistas alemães que testemunham a recepção e apropriação das novas informações resultantes das viagens ibéricas de descoberta. Ao tecer a história de como o Humanismo alemão se deixou estimular e incrementar pelas viagens marítimas em prol da tão ansiada encruzilhada do saber, Dieter Wuttke vem inaugurar novas abordagens e perspectivas da relação entre Humanismo e Descobrimientos.

Graças ao repto de interdisciplinaridade, o excelente estudo deste historiador alemão, amplamente recheado de notas analíticas e de referências, na esteira de um trabalho filológico profundo e crítico como os humanistas nos ensinaram, logra

estabelecer pontes e alicerces entre áreas afins e propícias a “cruzamento de influências” como ainda não se tinha experienciado.

O presente caderno insere-se no projecto de investigação «História e Historiografia na Alemanha e Portugal» (coord.: Prof.^a Doutora Marília dos Santos Lopes) do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

Título: Em Torno da Novela *Im Krebsgang* de Günter Grass

Autores: Júlia Garraio e Vasco Gil Mantas

Coordenadora: Maria Manuela Gouveia Delille

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos

Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq, n.º 28
Coimbra, 2007

No presente caderno, que se insere no projecto de investigação «Desconstrução e (re)construção de figuras e motivos tradicionais e/ou míticos na literatura de expressão alemã do século XX» (coord.: Prof.^a Doutora Maria Manuela Gouveia Delille), reúnem-se, numa concepção interdisciplinar, dois estudos complementares da novela *Im Krebsgang* [A Passo de Caranguejo] de Günter Grass: uma análise histórico-cultural e narratológica, enriquecida pela respectiva contextualização, não só relativamente à restante obra literária do autor alemão, mas também no que toca ao posicionamento sociopolítico do mesmo (Júlia Garraio), e uma resenha histórica da tragédia que subjaz à novela – o torpedeamento do Wilhelm Gustloff por um submarino soviético em Janeiro de 1945 –, uma resenha tão objectiva e equilibrada quanto possível, em que, após cuidadosa pesquisa efectuada sob a óptica da história marítima e militar, se procurou inserir o afundamento do navio alemão no quadro mais alargado das catástrofes marítimas a que pertence (Vasco Mantas). Ficção e História são assim veiculadas criticamente

ao leitor português, permitindo-lhe compreender melhor tanto a complexa construção ficcional da novela de Grass como os lugares de memória nela evocados.

Título: Die Landnahme von Torre Bela (1976) de Helga M. Novak: o olhar de uma escritora alemã sobre a Revolução de Abril

Autora: Sofia Margarida Rodrigues Baptista

Coordenadora: Maria Manuela Gouveia Delille

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos

Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq n.º 30
Coimbra, 2007

O estudo aqui publicado constitui uma versão refundida da dissertação de Mestrado apresentada pela autora à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Maio de 2007 e integra-se no projecto de investigação “Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural” (Coord.: Prof.ª Doutora Maria Manuela Gouveia Delille).

Composta a partir de anotações diárias e de apontamentos da escritora alemã Helga M. Novak aquando da sua estada em Portugal no Verão e no Outono de 1975, Die Landnahme von Torre Bela revela-se um testemunho literário muito significativo da emblemática ocupação da propriedade Torre Bela. No presente estudo, parte-se da contextualização histórica da obra novakiana, dando particular atenção à Reforma Agrária no após-25 de Abril de 1974 e à sua recepção internacional, designadamente num núcleo significativo de publicações editadas na República Federal da Alemanha. Procedeu-se também à comparação do diário/relato de Helga Novak com a longa reportagem de Francis Pisani, Torre Bela: «On a tous le droit d’avoir une vie», e com o filme Torre Bela, de Thomas Harlan, que incidem sobre o mesmo processo de ocupação da herdade ribatejana. A análise de Die Landnahme von Torre Bela

foi efectuada tendo em conta aspectos semânticos, estruturais e estilísticos e prestando especial atenção, quer ao vector intercultural e à perspectiva feminina, quer ao hibridismo que, sob o ponto de vista genológico, caracteriza a obra na sua totalidade.

Título: Eça de Queirós’ O Crime do Padre Amaro in deutschen Übersetzungen: Ein kritischer Vergleich

Autor: Anne Gisela Ribeiro Brunke

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos

Germanísticos e MinervaCoimbra, cadernos do cieq, n.º 29
Coimbra, 2007

A presente publicação, que constitui uma versão refundida da dissertação de Mestrado defendida pela autora em Maio de 2006 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, integra-se no projecto «Literatura portuguesa moderna e contemporânea em tradução alemã» (coord.: Prof. Doutor Karl Heinz Delille), continuando a investigação sobre a recepção da obra de Eça de Queirós no espaço linguístico alemão (vd. sobre esta matéria também os cadernos do cieq n.os 17 e 18). No seu estudo, Anne Brunke analisa as duas traduções alemãs de O Crime do Padre Amaro, de Thomas W. Schlichtkrull (1930) e de Willibald Schönfelder (1954), comparando-as entre si e com o original português, e inserindo-as nos respectivos contextos político-culturais, ou seja, na fase tardia da República de Weimar e na fase inicial da República Democrática Alemã. Enriquece o volume um apêndice documental inédito respeitante à biografia dos tradutores e aos condicionalismos político-editoriais que determinaram as duas edições de Das Verbrechen des Paters Amaro.

Espaço
Das Escolas



Unidade Pedagógica

Mário Krüger *

No Concurso para a 1ª Fase da Unidade Pedagógica Central, no Pólo II da Universidade de Coimbra, foi atribuído, em 1997, o 1º prémio ao projecto apresentado por Aires Mateus & Associados e cuja construção foi concluída em Junho de 2004.

Situado à beira do Pinhal de Marrocos, próximo a um meandro do Mondego, o edifício desta Unidade Pedagógica implanta-se de acordo com o Plano para aquele Pólo, de autoria dos Arquitectos Camilo Cortesão e Mercês Vieira, datado de 1988, junto a um talude, de forma a resolver as diferenças de cotas altimétricas do terreno.

Para isso, os Autores do projecto propuseram, em sintonia com a malha ortogonal daquele Plano, um alongado volume paralelepipedico semi-enterrado na direcção este-oeste, sobre o qual assentaram, transversalmente e em balanço, três módulos ou corpos de uma irrepreensível pureza geométrica, que são abertos para o exterior nas fachadas principais e de tardoz. Estes corpos, uniformemente espaçados, de um branco quase imaculado, destinam-se a salas de aula, laboratórios e gabinetes. Este conjunto é rematado a norte por um corpo, pintado a negro-de-fumo, que assenta directamente sobre o piso térreo e se destina ao auditório principal daquela Unidade Pedagógica.

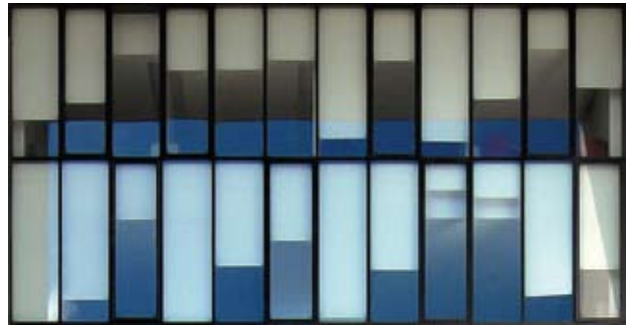
É inegável um purismo de formas, associado a uma conotação funcional dos espaços internos a que corresponde uma articulação de escalas, dada pela geometria dos volumes principais (embasamento + corpos), cuja presença na paisagem ultrapassa tanto os limites do terreno, quanto da área de im-

plantação de todo o Pólo II, manifestada, de forma intencional, durante a apresentação do projecto a Concurso. Com efeito, das peças exibidas sobressaía uma maquete que mostrava a relação das formas edificadas com o entorno e onde se podia fazer a leitura da articulação com a paisagem, nomeadamente de mirante sobre o rio, bem como de “ponto notável” no conjunto do Pólo II.

Se, no seu conjunto, a obra de Aires Mateus & Associados tem sido amplamente aclamada pela crítica, o mesmo não se pode dizer do Edifício da Unidade Pedagógica Central da FCTUC no Pólo II. Assim, em 2007 e, em paralelo com o anúncio das novas sete Maravilhas do Mundo, o jornal Público lançou um concurso para os seus leitores votarem e escolherem as sete Maravilhas de Portugal, bem como, os sete Horrores do País.

Sem entrar na discussão sobre o mérito destes concursos – que são o que são – o Público encomendou a um grupo de sete especialistas de crítica de arquitectura, de história de arte e de arquitectura que fizessem uma lista preliminar de obras a serem posteriormente votadas pelos seus leitores.

Como era inevitável, não se chegou a consenso mas, no entanto, foram publicitados os 58 locais/edifícios/espacos públicos candidatos a serem incluídos nos sete Horrores de Portugal. A lista resultante ia desde a Sede da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa, até ao Centro Cívico de Barro, em Águeda, e colocava na 53ª posição o edifício da Unidade Pedagógica Central no Pólo II da Universidade de Coimbra designada, no concurso, por Direcção da



Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra .

Apesar de nenhum dos críticos contactados pelo Público se rever, individualmente, naquela listagem, o que é certo é que o edifício daquela Unidade Pedagógica foi considerado “apto” a figurar naquele concurso.

Os Autores do projecto, os arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus, são figuras reconhecidas no panorama da arquitectura nacional, com inúmeros prémios recebidos e com obra divulgada a nível internacional, das quais destacamos a residência de estudantes no Pólo II da Universidade de Coimbra, a Reitoria da Universidade Nova em Lisboa, a reabilitação de uma ruína em Alenquer, a casa-pátio de Alvalade, no Alentejo, ou a reconversão de um antigo armazém de vinho em habitação em Brejos de Azeitão, em Setúbal. São figuras prestigiadas e que dignificam a arquitectura portuguesa e cujas obras dificilmente podem ser associadas àquela pretensa lista de horrores.

No entanto, os críticos que compuseram aquele júri do jornal Público, também são reconhecidamente aceites como fiáveis e idóneos, o que sugere que os critérios pelos quais se pautou o jornal talvez não sejam os mais adequados para se fazer uma selecção preliminar, dado que não foram explicitados os preceitos pelos quais o referido júri se regulou para compor aquela listagem, ao contrário do júri do Concurso público que, quanto mais não seja por obrigação legal, foi levado a fazê-lo.

Mas talvez se possa ter uma pista para compreendermos melhor as eventuais ausências de critérios se atendermos a que um dos Autores do projecto, ao ser entrevistado pelo Sineense (Jornal Municipal, Ago./Set., 2004), a propósito da Biblioteca Municipal de Sines, quando inquirido sobre aquela Unidade Pedagógica Central, bem como sobre a Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, clarificou que são “obras que pertencem ao passado”.

O facto de o edifício da Unidade Pedagógica Central ser uma obra que pertence ao passado remete-a, inevitavelmente, para as complexidades e contradições que suscita a diversos níveis.

Em primeiro lugar, trata-se de um edifício que não responde, no presente, integralmente a critérios de conforto e de utilização e, por outro, pauta-se por uma nítida contraposição entre o seu exterior unitário e o seu interior espacialmente fragmentado.

Assim, em relação aos critérios de conforto e de utilização, note-se que as cores exteriores predominantes – seja o branco uniforme ou o negro-de-fumo – podem predeterminar, se aplicados indiferenciadamente no interior, a monotonia da paleta de cores. No entanto, se houver uma efectiva apropriação dos espaços estes podem propiciar ambientes de trabalho e de convivência com adequada variabilidade ambiental.

Ainda e no que se refere aos mesmos critérios, refiram-se as pontes térmicas que se estabelecem entre o interior e o exterior, principalmente devido à





utilização, à face, de estruturas metálicas sem isolamento adequado, o que suscita consideráveis níveis de desconforto de inverno e de verão, principalmente nas fachadas orientadas a sul, onde se verificam apreciáveis amplitudes térmicas, a que não será certamente estranho, perante as opções de projecto tomadas, o limite orçamental imposto para a execução da obra.

Por último, a fragmentação espacial interna, que faz com que os percursos não sejam inteligíveis, levou, recentemente, à introdução de sinalética indicativa. Mesmo assim, os novos utentes não conseguem orientar-se nos sucessivos labirintos por que têm de passar criando-se, conseqüentemente, patologias de *way finding*. Constata-se, assim, uma perda de inteligibilidade na organização espacial interna, dada a dificuldade em se estabelecer o entendimento das dimensões locais dos espaços, com a sua posição global no sistema de que fazem parte.

Se, no seu conjunto e no exterior o edifício consegue

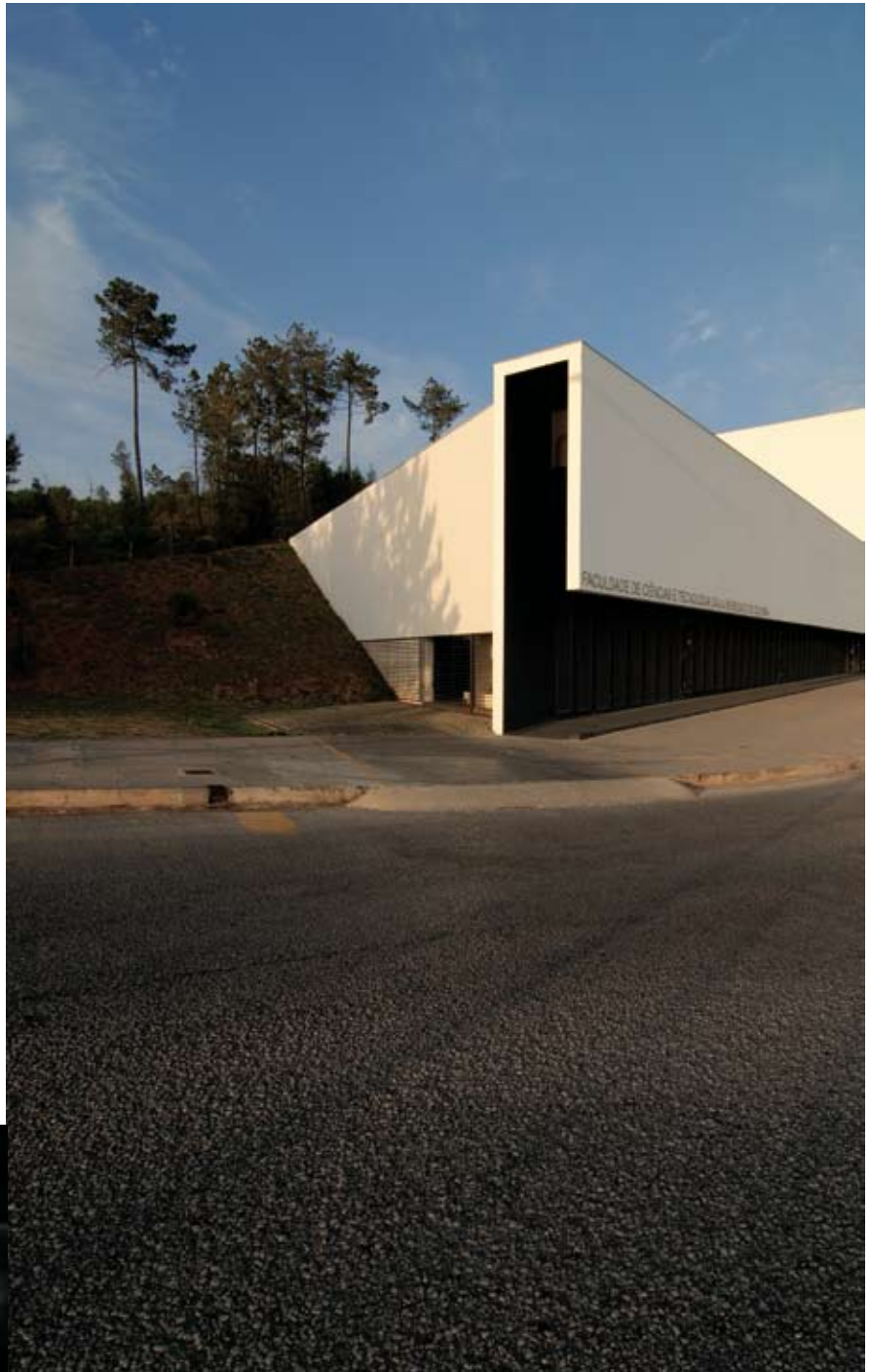
marcar uma nítida articulação com a malha ortogonal do Plano do Pólo II, bem como com o seu entorno, já o seu interior não propicia níveis de inteligibilidade e de conforto aceitáveis aos seus utentes.

Assim, a não correspondência entre o interior e o exterior revela uma intencional assimetria: se, por um lado, as funções dos corpos que assentam no embasamento, bem como no piso térreo, são globalmente identificáveis a partir da sua configuração externa, já a sua organização interna, que se caracteriza por uma acentuada fragmentação espacial, corresponde ao *dictum* pós-moderno de não se rever no seu exterior unitário.

Deste modo, não podemos deixar de perguntar se não será mais apropriado enquadrar a compreensão desta obra no itinerário artístico dos seus Autores do que simplesmente reduzi-la a uma classificação que não deixa de ser arbitrária e controversa ?

* Professor da FCTUC









Temas

XI Semana Cultural da Universidade de Coimbra

Zum-pim-zim!

Um banquete aerofuturista

Clelia Bettini *

Referência de toda a arte de Vanguarda, o Futurismo italiano propugnou uma radical renovação dos hábitos de vida, que foi muito além da literatura, da pintura, da escultura ou do cinema. Alargou-se também ao vestuário, à dança, à prática desportiva ou à... alimentação. A XI Semana Cultural da UC celebrou o centenário do *Manifesto de fundação do Futurismo com um Banquete aerofuturista, Zum-pim-zim!*, realizado no Hotel Astória. A designação *Zum-pim-zim!* tem um enquadramento bem coimbrão. Foi retirada de *Coimbra Manifesto 1925*, um manifesto futurista publicado por quatro estudantes da Universidade, nesse mesmo ano. Teve um impacto tal, que serviu de título ao artigo do *Diário de Lisboa* que, a 13 de Março de 1925, descrevia as agitações e o escândalo causados pelos quatro vanguardistas, “*Zum-pim-zim! O Príncipe de Judá fala ao Diário de Lisboa sobre a nova escola futurista*”.

Este mesmo manifesto futurista, juntamente com um outro já anteriormente publicado em Coimbra, no ano de 1916, pelo estudante de Direito Francisco Levita, *Negreiros-Dantas. Uma página para a história da literatura nacional*, foram editados e estudados por Rita Marnoto, no livro que o actor e encenador João Grosso lançou, literalmente, com todo o rigor e elegância, no início da sua *performance*. A declamação dos manifestos foi acompanhada por quatro aspiradores industriais, um dos quais tocou uma pequena *sinfonieta* para harmónica.

O espaço do Hotel Astória assistiu então à exploração cénica das suas galerias, das suas passagens e dos seus recantos, por um grupo de actores que conduziu o público através de uma experiência multi-sensorial desusada: mudar a nossa ideia de comida, celebrar a ciência química que desperta as papilas, sentir tudo, simultaneamente, sem preconceitos, na entrega a uma verdadeira experiência futurista.

O primeiro efeito-surpresa foi um delicioso aperitivo azulado, denominado *Blue Sky na Boca*, servido numa proveta gelada por jovens vestidos a rigor, quase a deslizarem sobre rodas. Olhos hesitantes e curiosos obrigaram tímidas bocas, que não escondiam o receio de serem envenenadas, a beberem o estranho líquido. Recobrada a confiança, o público foi empurrado para a sala de jantar, envolvido numa nuvem perfumada de alfazema. «Para favorecer a degustação, cada prato tem de ser precedido por um perfume», asseveravam os futuristas. E assim se deu início ao *Banquete aerofuturista, 100 ans après...*

Salsichas químicas e maliciosas, uma escultura de corpo de mulher que foi sendo degustada por partes, lembraram, simultaneamente, aquilo que uma actriz vestida de damasco tinha contado pouco antes, a história de um banquete futurista que Marinetti e os seus companheiros prepararam para Giulio Onesti, um amigo à beira do suicídio: 22 mulheres lindíssimas e edíveis, que Giulio logo devorou com volúpia, reencontrando a sua serenidade futurista. O cuidado artístico, e até filológico, depositado na preparação e na encenação deste aerobanquete coimbrão ficou consagrado no subtítulo do livro *Cozinha Futurista* de F.T. Marinetti: *Um almoço que impediu um suicídio*.

Depois das primeiras iguarias, a música regressou, porque «o uso da música nos intervalos entre os diferentes

pratos [...] serve para restabelecer a virgindade degustativa» — *Marinetti dixit*. Essa receita proporcionou a experiência mais futurista da noite. Foi então distribuído um prato composto por elementos de cor viva, ao mesmo tempo que eram dadas imperativas ordens para que não fosse degustado antes de serem recebidas as necessárias instruções. Tratava-se de um típico pitéu «simultâneo e irisado» futurista. Cada conviva tinha à sua frente um ovo de codorniz estrelado, um castelo de atum marinado com mostarda e uma torre de cenoura, acompanhados por um aviãozinho de pão. Depois de uma contagem até três, todos teriam de atacar, simultaneamente, o prato do vizinho, com o avião, de forma a destruir as suas deliciosas fortificações.

Seguiu-se a declaração mais anticonformista da cozinha futurista de Marinetti, «a abolição da pasta, absurda religião gastronómica italiana». Quando, do alto do varandim do imponente salão do Astória, os actores se manifestaram, com palavras firmes e uma postura algo arrogante, contra a pasta italiana, *passadista* e obsoleto ingrediente que entorpece os engenhos, logo se levantaram as vozes de protesto de alguns comensais apreciadores de massa, sopa ou de um bom prato de bacalhau, recriando um autêntico confronto futurista.

Experiências simultâneas de ruídos, sabores, texturas e cheiros animavam o ambiente. *Pedaços* de comida, como Marinetti queria, nos quais se injectaram sumos misteriosos com seringas hospitalares, embalagens de pasta medicinal com *mousse* de chocolate, paletas de pintor... O cepticismo algo preocupado do início da noite derreteu-se, fazendo regredir os participantes nesta intensa *performance* artística até ao seu antigo *status* de criança, tal como tinha sido previamente anunciado pelos actores, logo de início.

Foi por essa altura que quem escreve, mais um punhado de pessoas que partilham a condição de terem nascido entre as décadas de 1970 e 1980, encontraram numa travessa de fina porcelana uma das brincadeiras mais populares da sua infância urbana: colocar a língua, simultaneamente, nos dois pólos de uma bateria, e sentir o *Electric Boogie-Woogie*, dança de *music-hall* eléctrica e química, como o cardápio futurista bem o requeria. Depois de pintar o auto-retrato numa tela comestível, cada conviva experimentou, então, devorar-se a si próprio, deliciosamente. Para terminar, um creme de café incendiário, denominado *Aerofogo*, sorvido enquanto se tocava num quadrado de veludo e numa lixa, condensou a síntese entre gosto, vista e tacto.

Com *Zum-pim-zim!* recordou-se, pois, da melhor maneira, o centenário do *Manifesto de Fundação do Futurismo*. Peter De Bie, Giacomo Scalisi, João Grosso, um grupo de actores, alguns dos quais entraram para o mundo do teatro através da AAC, os estudantes da Escola de Hotelaria de Coimbra e o público do Hotel Astória tornaram possível uma experiência deliberadamente efémera e única. De resto, nem o próprio Darwin teria zarpado de Davenport, a bordo do *Beagle*, para uma viagem que mudaria o curso da ciência, nem Francisco Levita teria proclamado que quem se preocupava com Júlio Dantas era um *Dantas n.º 2*, nem os estudantes de Coimbra teriam tido a força de se manifestarem num 1969 de chumbo, se não acreditassem no poder do sonho e da fantasia.

Ao integrar nas celebrações dos seus 719 anos este espectáculo de vanguarda, a Universidade de Coimbra ofereceu um exemplo de verdadeiro exemplo de *optimismo futurista*.

* Professora da FLUC





III Gala da Rede UC

Carolina de Sá e Martha Mendes

“Coimbra: Ainda és Capital?”. Lançava-se a dúvida e abria-se a III Gala da Rede UC. O ambiente foi de festa. De uma festa de afectos que começou ainda antes do próprio espectáculo. Antigos alunos da Universidade de Coimbra (UC), hoje professores da mesma ou profissionais dispersos pelo país, reencontraram-se no café do teatro antes da gala, alguns depois de vários anos sem se verem. São antigos estudantes de diferentes faixas etárias. Uns acabaram o curso recentemente, outros contam mais de 50 anos desde a altura em que eram estudantes de Coimbra.

Ouve-se o “sino” que anuncia o início do espectáculo e todos ocupam os seus lugares na expectativa do que se vai passar. No cartaz-cenário do palco estão palavras dispersas em torno de uma espiral. Lê-se “Coimbra”, “Boémia”, “Irreverência”, “Tradições Académicas e Praxe”, “Contestação”, “Amor” e a pergunta “Ainda és Capital?”.

O palco é invadido por estudantes em miniatura. Dezenas de crianças disfarçadas de “doutores”, com capa e batina, cartola, e vestidas de caloiros na Festa das Latas, retratam momentos de praxe típicos da cidade dos estudantes, ao som do fado “Oh Coimbra do Mondego”.

A plateia, animada, aplaude a apresentação dos mais pequenos, enquanto outro grupo de crianças entra no palco e, armado de instrumentos, começa a imitar movimentos, danças e expressões de uma tuna académica. Um enérgico FRA põe fim à pequena encenação dos alunos da Escola João de Deus.

Chega o momento dos antigos estudantes participarem no espectáculo: ex-alunos sobem ao palco, recitam fervorosamente poemas de Luís de Camões e de Eugénio de Andrade, para ilustrar como consideram diferente o amor vivido em Coimbra. A questão impõe-se: “Coimbra: Capital do Amor?”. Para aqueles que cá estudaram – e, nalguns casos, que aqui se apaixonaram – não parecem restar dúvidas.

A gala prossegue com a Orquestra de Tangos de Coimbra a interpretar instrumentalmente “Aquela Janela virada pró mar”. Um par de antigos estudantes da Escola de Dança de Coimbra oferece um mágico momento de tango.

Depois da dança latina, as atenções viram-se para a primeira homenagem da noite, à Republica dos Lysos, fundada em 1959, no Porto, por jovens que tinham iniciado os estudos em Coimbra mas que iriam terminá-los na cidade Invicta. A Republica dos Lysos que exaltou desde a sua fundação o espírito de solidariedade, tolerância e compreensão entre os estudantes vê a sua estória recontada nesta noite onde o passado e o futuro se fundem. O reitor sobe ao palco para entregar o prémio ao fundador mor da República que, emocionado, agradece e recorda a ideia por detrás da concepção da República. “Queríamos transportar Coimbra connosco” – confessa o fundador.



Pedro Roma, guarda-redes da Académica e antigo aluno da UC foi contemplado com a segunda homenagem da noite. Ao agradecer o futebolista, confidenciou que a história da Académica e a história da sua vida sempre se misturaram.

Findos os tributos, chega a hora da actuação de José Cid que partilha com quem assiste uma música composta e gravada em Coimbra em 1959. “Coimbra Antiga”. José Cid, que frequentou o curso de Direito durante quatro anos, brindou o público com alguns dos seus temas mais famosos.

Passa da uma da manhã e a gala está quase a chegar ao fim, mas restam ainda dois momentos de fado. A Associação de Antigos Alunos de Coimbra em Lisboa recria no palco do TAGV um momento de Serenata e o Grupo de Fados Porta Férrea, com Luís Góis, antigo colega de Zeca Afonso, aproveitou para relembrar o músico de intervenção, finalizando a noite com um toque de saudade.

Saudade desta casa imensa de onde nunca se chega verdadeiramente a partir: a Universidade de Coimbra.

Nos corredores de uma República

Cruzar o fado com a nostalgia de um olhar

Andreia Silva

Entramos de mansinho e deparamo-nos com um jantar entre amigos. És aceite como se fosses da casa. Há comida e bebida para todos e muitas histórias para contar. Sobretudo para ouvir. Aprendes que existem coisas que perduram para sempre.

Hoje é noite de festa. A república Ay-Ó-Linda comemora “60 anos em movimento a toda a velocidade”. “Eu e outro rapaz, que vivemos aqui na república e também pertencemos à secção de fado, decidimos dinamizar esse facto, chamando outros grupos”, conta Moisés Ferreira, 28 anos, viola na Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (AAC). Tudo em prol do convívio e da dinamização da tradição.

As guitarras ainda estão arrumadas a um canto, à espera de serem afinadas. A conversa continua animada, acompanhada por finos e vinho tinto. São grupos de amigos que há muito terminaram o curso. Viveram na república e ainda hoje regressam. Relembam “aquela latada” e “aquela Queima”. É o caso de Vasco Neves, 31 anos, antigo estudante de Engenharia Mecânica. “Saudade” é a palavra que descreve o seu percurso nesta casa e em Coimbra, que recorda com nostalgia.

Manuel Matos Bastos, de 56 anos, viveu na Ay-Ó-Linda entre 1971 e 75. Estudou Engenharia Electrotécnica, numa época de revolução e de crise académica. Recorda, como Vasco, “a vida colectiva, as amizades que duram 30 e muitos anos, a camaradagem, a participação nos organismos culturais da Universidade de Coimbra, o movimento estudantil, com personalidades como o Professor Orlando Carvalho e o Dr. Joaquim Namorado, gente com quem aprendi muito”. Sempre a mesma saudade, no olhar como na voz.

A pequena sala, cheia de velhos sofás, é o palco improvisado. Uns pequenos bancos para os músicos e já está. As capas negras rasgadas traçam-se e os acordes começam. Várias pessoas chegam, de todas as idades – crianças, amigos de amigos, estudantes. Moisés Ferreira fala de uma rapariga italiana que por ali passou, estando em Coimbra apenas há uma semana. “Ouvii falar deste evento e veio ver como era”, explica. Para conhecer de perto aquilo que Coimbra preserva como ninguém – a tradição. “A verdade é que quando se fala em noite de fados em Coimbra, as pessoas aderem. Quem cá estudou vem sempre. O fado traduz mesmo o que é o espírito da cidade”, frisa o membro da Secção de Fado.

A noite continua e relembram-se histórias a que aqueles acordes já assistiram, com um brilho no olhar. Momentos nostálgicos que a música de Coimbra tão bem retrata. O silêncio é absoluto. Ninguém ousa contrariar a voz gemida da guitarra.

Canta-se para além das guitarradas de Carlos Paredes, Luís Góis ou José Afonso, a Balada da Despedida do 5º Ano Jurídico, O Solitário, ou o Fado por amor ausente. Mas é muito mais do que cantar. São sentimentos que se mostram, almas que se expõem.

É sentir a guitarra entre os dedos e a voz dorida que sai dela. Para além da capa e batina, está um sentimento que o passar dos anos não fez diminuir.

Ouvir fado assim é, segundo Manuel Matos Bastos, algo que tem “o espírito de república e congregação, dos amigos, das visitas, onde a porta está sempre aberta, uma coisa que não acontece em muitos lugares do mundo”.

Batem-se as palmas no fim de cada canção, levemente, como quem não quer perturbar a beleza. Quem conhece músicas como “A Samaritana”, faz questão de acompanhar a canção. Sempre naquele tom de quem há muito conhece a letra, de quem a sentiu.

Faz-se um intervalo. A república está cheia de pessoas pelos corredores. Conversam entre si, animadamente, contando detalhes, pormenores de antigos colegas de curso que há muito não vêem, do seu próprio dia-a-dia. Regressados à pequena sala, a música volta a embalar os corredores da república.

Após duas horas de fado e saudade, a reunião termina. No entanto, quem lá está não resiste a ficar mais um pouco. “Depois vamos cantar mais um bocado, todos juntos”, adianta Vasco Neves. E convidam-te a ficar mais um bocadinho. Porque a noite é, ainda, o primeiro acorde da guitarra.



Entre a Tradição e a Contemporaneidade

Dançar ao ritmo dos tempos

Andreia Silva

Os bastidores de um espectáculo são sempre iguais. Um autêntico rodopio. Os artistas têm os nervos à flor da pele e a ansiedade cresce à medida que as horas se aproximam do entrar em palco. Dentro do departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), bailarinas entram e saem, como quem nunca encontra descanso para o nervosismo. Vestem calças pretas, *tops* coloridos e xailes tradicionais, agarrados à cintura, que chocam com a indumentária.

Chega a hora. Cerca de cinquenta pessoas entram para assistir a “Reviravolta”, uma peça coreografada resultado de um *workshop* realizado pelo Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), juntamente com a coreógrafa contemporânea Clara Andermatt.

Vestida de preto, Clara Andermatt aparenta estar tranquila. Sorri até, introduzindo aquilo que não define ser um espectáculo, mas “o resultado de uma semana de trabalho”. O palco consiste apenas numa sala branca e clássica, com arcos. Ao fundo estão os instrumentos tradicionais, como a guitarra e o tambor. Ninguém consegue perceber de antemão qual será o resultado desta mistura de antigo com novo, mas a ideia seduz de imediato. É como dançar ao ritmo dos tempos e fazer algo diferente do habitual.

“Eu dava um vintém às almas se o meu cantar fosse assim”.

A sala é ainda um imenso vazio quando já se ouvem sons. Um homem vestido de preto assobia uma cantilena, vagueando pela sala. Começa a tocar flauta. Tudo parece estranho e diferente. Segundo os trâmites da dança tradicional e do folclore, nenhum homem dança sozinho, ainda por cima de uma forma aparentemente desorganizada, tocando ao mesmo tempo. Nos grupos de dança de outros tempos, tal cena seria alvo de apupos. Com homens a dançarem entre si, com canas e chapéus pretos a serem objecto de malabarismo, a chacota seria, decerto, ainda maior.

Mas não é o caso aqui. Os tempos são outros. Os ritmos e os movimentos dos corpos também. Clara Andermatt sabe disso. “Quisemos agarrar na estrutura base do folclore e fazer uma evolução, trabalhar mais o lado dos corpos, dar-lhe outras dinâmicas e outros ritmos, criar uma interacção em que os músicos e os bailarinos tocam e dançam”, afirma a coreógrafa.

Entram dois grupos de homens e mulheres. Vêm a correr desenfreados. Atravessam a sala, ora aparecendo, ora desaparecendo. Clara ousou colocar homens e mulheres a dançar entre si, sem a criação de pares. E é então que desaparecem, de forma tão rápida como surgiram.

A performance seguinte é estritamente feminina. O xaile ganha lugar de destaque. “O uso exclusivo do xaile justifica-se por ser uma peça colorida, muito simbólica, foi uma opção claramente estética.

Não haveria outros adereços tão chamativos e práticos para aquilo que mostrámos hoje”, denota Sara Leitão, bailarina do GEFAC há quatro anos.

Sempre que uma mulher põe um xaile aos ombros mostra nostalgia e necessidade de protecção; a falta do abraço do amado há muito esperado. Ao olhar para o chão, demonstra tristeza por não o ter. As bailarinas vagueiam pela sala, bebem água em garrafas de plástico. Não há púcaros nem cântaros de barro. Subitamente, ouve-se o som estridente das garrafas de plástico a rolar no chão. Primeiro com a mão, depois esmagadas com o pé. Ao mesmo tempo, o barulho do tambor. Sai-se da tranquilidade do rural, para o ritmo intenso da confusão.

Cada performance está interligada com as outras por meio de sons ou gestos. Não existe quebra nem intervalo. O espectáculo dura cerca de uma hora, mas não se dá pelo passar do tempo, tal é a velocidade com que se cruzam estéticas tão diferentes. A bailarina do GEFAC reconhece-o. “Foi óptima a difusão entre o tradicional e o contemporâneo. A Clara soube trazer os contributos dela, ouvindo e recebendo a nossa experiência. Usámos as nossas danças, as músicas e os passos e ela misturou isso tudo com gestos modernos. Foi uma colaboração perfeita”, elogia Sara Leitão.

A última dança é desorganizada. Os bailarinos gritam e agitam os braços. “Volta, e vira volta!”, grita um dos elementos. É então que param, virados para o público. A ousadia de misturar “a esquizofrenia do mundo urbano” na dança tradicional terminou naquele instante, mas decerto não parará por ali. Os aplausos são fortes, as pessoas levantam-se. Clara Andermatt volta a sorrir, desta vez de uma forma mais aberta. É a prova de que a dança contemporânea é aceite e veio para ficar.





Personagens que são Livros

Abriu-se o tempo na biblioteca

Pedro Crisóstomo

Quatro fantasmas são livros e falam. São livros e vêm à procura. São livres, procuram, falam. Descem das estantes de uma biblioteca que na noite escura parece mais fria e empoeirada, e – juntos – ganham vida enquanto dão passos no tempo e cruzam memórias entre si.

O encontro começa às escuras. A fraca luz que projecta tímidas sombras no tecto da Sala de São Pedro, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – onde o Teatro da Rainha levou à cena “Uma Noite na Biblioteca” – emana de pequenos candeeiros que repousam sobre a austeridade das mesas de madeira onde os espectadores assistem ao espectáculo.

Ali o palco é tudo o que acontece. Estantes, cadeiras, gestos, janelas, luzes. E também o público, no silêncio intimidante em que assiste, parece transformar o tempo e o espaço, ao devolver a uma sala normalmente adormecida uma biblioteca de consulta diária.

Aquilo que foram e que representam é o ponto de partida para Bertoli, Racionello, Alegoria e Fantolin trazerem à cena histórias vividas no tempo em que foram livros, agora que são fantasmas de papel – eternamente livros. O que inicialmente parece morto, “como que extinto”, transforma-se em poesia e “tempo visível” à medida que as quatro personagens percorrem a sala e se descobrem enquanto falam. Ali, os livros são como “cascas, detritos” que se renovam em “folhas volantes atadas em laços”. São pessoas ao mesmo tempo. Escritores, actores. E também personagens.

Neste texto de Jean-Christophe Bailly, Bertoli é o primeiro a falar, um conferencista, “rato de biblioteca, livro de generalidades menos eruditas, mais ou menos elaboradas” com uma dimensão “até um pouco cabotina”, como caracteriza José Carlos Faria, o actor que o interpreta. *Fantolin* – Miguel Araújo – carrega consigo a narração do fim do mundo, mas, pelo meio, *Racionello* – Victor Santos –, tanto manuseado com unhas sujas, traz a crítica da razão e *Alegoria* – Isabel Lopes – a arte da criação artística.

Revêem-se. “Moro lá em cima ao pé de um poeta russo”, recorda ela aos velhos colegas de sala. A saia rodada cinzenta que lhe chega aos sapatos contrasta com a cor das palavras e o sorriso nos lábios com que discursa em tom erudito. Os sonhos prendem-na e, feliz, canta – e na imaginação dança – balouçando os braços e jogando *badmington* com *Racionello*. À medida que fazem voar a pena – e eles com ela – soltam expressões enigmáticas. Completam-se nas palavras. “Cansaço”. Param. Retomam. O tempo voa (como a pena que balança entre um e outro). “Nada mudou”. Evocam a noite, as luzes, um homem que passava de bicicleta e, às tantas, perguntam – “Seremos reduzidos a pó?”. *Alegoria* olha pela janela e no tecto balouçam, enormes, os braços reflectidos pela luz. “Onde começa a ficção?”, o que é a verdade? A realidade? “O real não fala”, responde *Racionello*.

“De alguma forma, a peça coloca questões que são prementes e que continuam a ser actuautes e a ter uma voz activa na vida dos homens”, continua José Carlos Faria, fora do palco, ao mesmo tempo que explica como é representar um livro: “é uma forma de abrir o tempo, porque ele plasma-o de alguma maneira, estabelece pontos para trás e ligações para a frente”.

É ser-se livre também? *Mea* resposta chega com *Fantolin*. Vem vestido com uma gabardine de cabedal preta que lhe esconde o corpo por completo e o torna ainda mais alto e magro do que é. Um gorro borbotado que prende o cabelo escadeado combina com a barba por fazer com que aparece em cena. Espreita, primeiro. Entra depois a medo, sem (se) encontrar, chamado pelo cantar de *Alegoria*, que observa a cena sorrindo.

Lêem-se, apalpando-se nos ombros e descobrindo o que têm escrito por dentro. *Alegoria* é a primeira a ler. Coloca as mãos sobre os ombros de *Fantolin* e percorre-lhe as costas com os dedos como se fosse cega. Lê uma história sobre desejo, em poesia, ou em prosa-poesia.

Lêem-se e revêem-se. Continuamente. E o tempo fica suspenso. Douradas, as lombadas dos livros que brilham com a luz fraca dos candeeiros, recebem de novo os fantasmas da sala nas estantes. De onde nunca saíram, os quatro regressam aos seus lugares. Confundem-se os tempos e a memória sobrevive. Por tempo indeterminado.

Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Gabinete de Comunicação e Identidade
Universidade de Coimbra
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
antigos-estudantes@uc.pt

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

**REDE
UC**
REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

www.coimbraeditora.pt



LIVRARIA FERREIRA BORGES
Rua Ferreira Borges, 77
Coimbra

LIVRARIA AAC - COIMBRA
Rua Padre António Vieira
Edifício AAC
Coimbra

LIVRARIA CHADÓ - LISBOA
Rua Nova do Almada, 90
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA
Centro Comercial Arco-Iris
Av. João de Deus, 5A
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA
Faculdade de Direito da
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO
Rua Cândido dos Reis, 81
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO
Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES

Coimbra Editora



ALMEDINA

Livraria . Editora

www.almedina.net

Almedina Atrium
Pr. Duque de Saldanha
1 - Loja 71- 2º piso
1050-094, Lisboa

Almedina Ferreira Borges
Rua Ferreira Borges, 121-127
3000-180, Coimbra

Almedina Arrábida
Arrábida Shopping, Loja 158A/B
Praceta Henrique Moreira,
244, Afurada | 4400-475
Vila Nova de Gaia

Almedina Braga
Campus de Gualtar
Universidade do Minho,
4710-057, Braga

ALMEDINA-DIREITO À CULTUR

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats





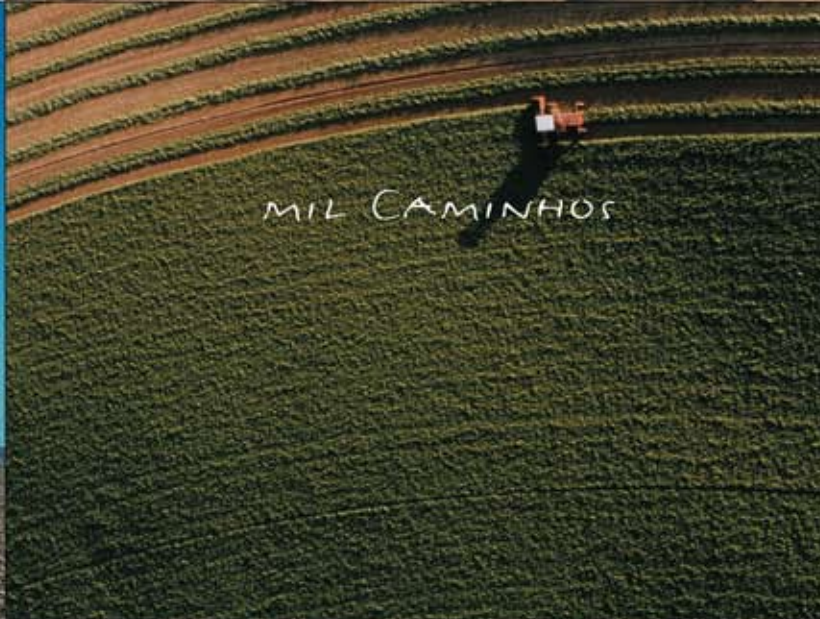
MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



MILHÕES DE SONHOS

Millennium
bcp

A vida inspira-nos